

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO**

**CURSO: LICENCIATURAS EM CIÊNCIAS HUMANAS**

**FILOSOFIA DA MENTE: princípios antagônicos e experiência de quase morte, um estudo de caso no município de Pinheiro - MA.**

Pinheiro - MA

2019

**NELSON DOS SANTOS SOARES DA SILVA**

**FILOSOFIA DA MENTE: princípios antagônicos e experiência de quase morte, um estudo de caso no município de Pinheiro - MA.**

Monografia apresentada à coordenação do Curso de Filosofia da Universidade Federal do Maranhão – UFMA, como requisito para obtenção do grau de Licenciatura em Filosofia.

Orientador: Supervisor Docente: Prof. Dr. Flávio Luiz de Castro Freitas

Pinheiro – MA

2019

Silva, Nelson dos Santos Soares da Silva.

Filosofia da Mente : Princípios antagonicos e experiencia de quase morte, um estudo de caso no Município de Pinheiro - MA / Nelson dos Santos Soares da Silva Silva. - 2019.

47 f.

Coorientador(a): Ivan Jorge Pessoa Pessoa.

Orientador(a): Flávio Luiz de Castro Freitas Freitas.

Monografia (Graduação) - Curso de Ciências Humanas - Filosofia, Universidade Federal do Maranhão, Pinheiro, 2019.

1. EQM. 2. Filosofia da mente. 3. Morte. I. Freitas, Flávio Luiz de Castro Freitas. II. Pessoa, Ivan Jorge Pessoa. III. Título.

CDU

**FILOSOFIA DA MENTE: princípios antagônicos e experiência de quase morte, um estudo de caso no município de Pinheiro - MA.**

Monografia apresentada à coordenação do Curso de Ciências Humanas da Universidade Federal do Maranhão – UFMA, como requisito para obtenção do grau de Licenciatura em Filosofia.

Aprovado em \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA**

---

**Prof.: Supervisor Docente:** Dr. Flávio Luiz de Castro Freitas

---

**1º Examinador**

Universidade Federal do Maranhão - UFMA

---

**2º Examinador**

Universidade Federal do Maranhão - UFMA

A Deus meu criador que me dotou de inspiração, perseverança e sabedoria para concluir essa importante etapa da minha vida. Concedeu-me a capacidade de reflexão e a coragem questionadora, que fomenta a transformação da realidade e enche o mundo de possibilidades. Permitiu que eu tivesse uma vida alicerçada por uma família presente e amorosa.

## AGRADECIMENTOS

Antes de tudo se Deus, não for a maior fonte das razões, não haverá necessidade de mais nada. E se a coisa mais importante desta pouca fé, não é a certeza de sua majestade bondosa e justa, nada mais terá sentido. Pois, quão grande será o vazio da alma após o flagelo deste putreficado corpo? Eis que a figura do pai que tudo conduz e tudo sempre soube e para sempre saberá é da qual nos orienta sob o caminho da fé e da gratidão. É a partir dele e apenas para glorificá-lo que sigo em frente. Mas essa caminhada não seria possível sem a ajuda de muitos. A minha família que em todos os momentos me orientou a não desistir, mesmo percebendo que a melhor saída seria parar, hoje divido com todos, esta pequena conquista.

Quero citar alguns nomes que embora numa infinita lista de pessoas inesquecíveis, seria injusto da minha parte não citá-los, minha mãe Raimunda Soares da Silva, meu pai Inácio Firmino da Silva. Minhas filhas, Marina Gabriele Nunes da Silva e Brittany Gabriele Nunes da Silva, ao meu filho Inácio Gael Ferraz da Silva, a todos da turma de Ciências Humanas da UFMA 2015-2, especialmente Valdejane, Alissa e Jaina. E a todos os professores que durante todos esses anos me conduziram até este momento, por todas as disciplinas das quais tive a oportunidade de passar, especialmente as professoras Francilene e Doracy, aos professores de Filosofia Ivan, Flávio, Marcio, Áurea e Giovane. Ademais, deixo aqui meus agradecimentos a todos os servidores do campos, ao corpo discente e docente, aos vigias, ASGs, colabores da Xerox, da lanchonete, especialmente ao pessoal do inesquecível cafezinho. Enfim a todos que por algum momento pararam para ouvir filosofia de bar, de botequim e dos que sempre acreditaram neste pequeno resultado. Assim seja.

**“A natureza não dá saltos, ela segue em constante evolução e transformação, portanto o processo de morrer não pode ser visto como uma alternativa de fuga de nossa realidade, porque somos aquilo que conseguimos construir, em personalidade, sentimentos e realizações e não podemos fugir de nós mesmos.”**

**(Carl G. Jung)**

## RESUMO

O presente trabalho objetiva refletir filosoficamente sobre os efeitos decorrentes de encontrar-se em situação de “quase morte- EQM”, e, também, associar elementos pessoais ou sociais, capazes de transformar sua própria vida a partir dessas experiências, ou até mesmo do seu próximo, como familiares e amigos. Para tal, utilizou-se a estratégia do estudo de caso como instrumento orientador do curso investigativo, a fim de contextualizar uma EQM ocorrida na cidade de Pinheiro, assim como, outros relatos expostos em outros de pesquisa. O estudo está focado no despertar da consciência humana ante eventos de EQM's, e os impactos transformadores do comportamento como se fora um insight para o processo de vida diante da sua característica finita. Dessa forma, poder analisar as similaridades dos eventos entre os pesquisados em sintonia com a visão da ciência, para finalmente concluir que as EQM's representam um instante ímpar da reflexão humana como instrumento transformador do que o homem pensa sobre sua existência, sobre a vida e sobre a morte.

**Palavras Chave: Filosofia da mente. Morte. EQM.**

## SUMMARY

The present work aims to identify the reasons why the human being is able to change his life after being in a situation of "near-death-NDE", and also to associate personal or social elements capable of transforming his own life from these experiences, or even from your neighbor, like family and friends. For that, the strategy of the case study was used as a guiding instrument of the investigative course, in order to contextualize an NDE occurred in the city of Pinheiro, as well as other reports exposed in other research. The study focuses on the awakening of human consciousness to NDE events, and the transformative impacts of behavior as if it were an insight into the life process in the face of its finite trait. In this way, to be able to analyze the similarities of events among the respondents in tune with the vision of science, to finally conclude that NDEs represent an unparalleled moment of human reflection as a transformative instrument of what man thinks about his existence, about life and about the death.

**Keywords:** Philosophy of mind. Death. NDE.

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Teste Padronizado

15

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

EQM	- Experiência de Quase morte
EQM's	- Experiências de Quase Mortes
LCR	- Líquido Cefalorraquidiano

## Sumário

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	12
<b>2 REFERENCIAL TEÓRICO</b> .....	14
<b>2.1 Da Filosofia da Mente</b> .....	14
<b>2.2 Sentido da Morte, Conceitos e Critérios</b> .....	15
<b>2.3 A Morte e a Vida em Baise Pascal</b> .....	18
2.3.1 O Pecado Original como da Morte para todos .....	19
2.3.2 O fim da vida e o <i>Divertissement</i> : fragmento 136 .....	20
2.3.3 Morte e Resignação: fragmento343.....	21
2.3.4 A morte diante das três ordens de coisas: fragmento 308 e 933 .....	21
3.3.5 Morte é uma certeza, tudo mais é Aposta: fragmento 418.....	23
<b>3 A DESCOBERTA DA VIDA</b> .....	24
<b>3.1 Primeira Parte</b> .....	24
3.1.1 Aspectos do Conceito de Vida .....	23
3.1.2 O Desejo de Viver para Sempre .....	25
3.1.3 A Vida até as Últimas Consequências .....	26
<b>3.2 Segunda Parte</b> .....	27
3.2.1 Origem da Palavra Morte .....	27
3.2.2 A Possibilidade de Suavizar a Morte.....	28
<b>3.3 Terceira Parte</b> .....	29
3.3.1 Experiências de Quase Mortes .....	29
<b>4 METODOLOGIA</b> .....	31
<b>5 NARRATIVAS E ANÁLISES</b> .....	32
<b>5.1 Primeira Relato</b> .....	32
<b>5.2 Segundo Relato</b> .....	35
<b>5.3 Terceiro Relato</b> .....	38
<b>5.4 Quarto Relato</b> .....	38

<b>5.5 Quinto Relato</b> .....	39
<b>5.6 Sexto Relato</b> .....	42
<b>5.7 Sétimo Relato</b> .....	44
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	47
REFERÊNCIAS .....	49
APÊNDICE - A.....	51
APÊNDICE - B.....	52
APÊNDICE - C.....	53

## 1 INTRODUÇÃO

O presente estudo aborda o fenômeno das Experiências de quase Mortes – EQM's, como mecanismo para entender como esses eventos podem impactar em seu comportamento, nas modificações de seus valores, crenças, postura diante do fenômeno da morte e na sua ressignificação de vida.

O interesse de explorar esse tema se dá pela magnitude da necessidade que todo ser humano possui em desvendar os mistérios que envolvem sua existência a partir da atividade reflexiva filosófica, devido sua percepção acerca do modo de vida e da certeza da morte como um dos principais pontos da reflexão sobre o fato de existir. Desse modo, a consciência do homem em saber da sua condição da vulnerabilidade de sua existência, por si só, já justifica o esforço de trazer à tona um assunto essencialmente instigante, possível nas suas conclusões de minimizar o medo da realidade finita que se encerra com a morte.

Aborda-se assim, uma das qualidades infalíveis que une todos os seres da terra, que é a certeza da existência finita. Assim, vislumbra-se, que em um universo de culturas, raças, cor credos, espécies e demais variáveis existentes entre todos os animais, apenas duas situações ligam esses seres de modo inevitável: o nascimento e a morte. À vista disso, apontar elementos que possam ajudar a compreender o homem enquanto ser supremo na natureza terrestre seja pelo medo de morrer, ou compreendendo sua existência na terra entre os seus semelhantes.

Em vista disso, até essas experiências nada teria sentido, ou pelo menos precisariam de algo ainda maior, como a razão de nossa existência aqui na terra, diante deste cenário de diferentes opiniões, inclusive sobre a própria morte. É nesse conturbado mundo de emoções e inquietações que irão surgir o medo, a formação social, a busca pelo desconhecido dentre outras inquietações humanas.

Nesse cenário, a presente pesquisa intitulada: FILOSOFIA DA MENTE: princípios antagônicos e experiência de quase morte, um estudo de caso no município de Pinheiro - MA., que tem por objetivo identificar as razões pelas quais o ser humano é capaz de mudar de vida após encontrar-se em situação de “quase morte”, e, também, associar elementos pessoais ou sociais, capazes de transformar sua própria vida a partir dessas experiências, ou até mesmo do seu próximo, como familiares e amigos.

De outro modo, reiterar a necessidade de buscar respostas como: se as pessoas que experimentam o fenômeno da EQM, de fato possuem características que definem um novo

padrão de vida, e, em caso positivo, estudar primeiro se essas pessoas mudaram imediatamente para si, ou, precisaram de outras pessoas até que essas mudanças pudessem ocorrer; se as pessoas mais próximas, também mudaram a partir de seus exemplos e como essa mudança se deu na área do comportamento envolvendo crença, valores e postura em relação à vida e morte. Enfim, se essa transformação atingiu outros indivíduos no seu entorno.

Destarte, importa também nessa pesquisa conhecer o sentido da morte em Blaise Pascal, sua importância e efeitos na área comportamental dessa concepção. Dessa forma, explorar a extensão da aceção da morte, sob os princípios do pecado original, na psicologia profunda do *divertissement*, e, por último, no fragmento da Aposto.

A fim de garantir o desenvolvimento desse trabalho e o cumprimento de sua finalidade, fez-se uso da abordagem qualitativa, apoiando-se nos relatos detalhados dos fatos para que, através da reflexão, atingir a compreensão do fenômeno em pauta. E nessa composição, dotou-se da estratégia do estudo de caso para orientar o curso investigativo. Dessa forma, utilizou-se da técnica de entrevista direcionada ao voluntário pesquisado, igualmente, procedendo uma consistente revisão de literatura, aproveitando-se da experiência de pesquisas de outros autores consagrados.

A corrente filosófica que se propões a explicar o conhecimento da realidade, teve como instrumento norteador o método de abordagem hipotético-dedutivo, estruturado em cinco eixos principais. O primeiro eixo expõe a revisão de literatura englobando: a filosofia da mente; o sentido da morte, conceitos e critérios; a morte e a vida em Blaise Pascal. O segundo eixo trata da descoberta da vida com seus conceitos, importância, bem como, a morte e a possibilidade de atenuar seus efeitos e as experiências de quase morte – EQM. O terceiro eixo nomeia a metodologia adotada para alcançar os objetivos. O quarto eixo apresenta as narrativas das EQM's e as análises. No quinto e último eixo, encontram-se as considerações finais sobre a pesquisa.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

### 2.1 Da Filosofia da Mente

Historicamente, foi atribuído ao Francês filósofo, físico e matemático René Descartes quem primeiro expôs a importância de evidenciar a dessemelhança entre as propriedades materiais: corpo e as imateriais: mente, ou seja, trata-se de essências diferentes, que são independentes e também de alguma forma são opostas. Sendo a alma a coisa pensante e o corpo a coisa extensa, formulando assim, a concepção filosófica dualista substancialista.

Contudo, na concepção monista ou fisicalista, defende que matéria e corpo formam uma só coisa, em outras palavras, a consciência é somente uma extensão do cérebro, que por sua vez é físico, considerando que tudo que existe no mundo é substância física, já no âmbito espiritual, não passa de uma quimera. Nesse contexto, Teixeira disserta que: “Independentemente do termo empregado, na filosofia tradicional a questão central consistia em se saber se o cérebro produz a mente ou se ele apenas a manifesta”. (TEIXEIRA, 2000, p. 13)

Lembrando que outros filósofos que o antecederam já haviam meditado a respeito da natureza da alma - ou mente – e atribuindo particularidades distintivas de imaterialidade e imortalidade. Deste modo, influenciou até os dias atuais, com seu pensamento dualista, o debate entre o monismo e o dualismo.

A filosofia da mente refere-se ao aprofundamento filosófico que buscam repostas para os fenômenos psicológicos, que trata da natureza da mente, dos estados mentais, dos estudos metafísicos e sobre a consciência. Essa demanda, quando se trata da mente, atribui-se a ela, o conceito alternado de “espírito” ou “alma”, um ente possuidor de especificidades sui generis, que mesmo após a morte física, continuaria existir.

Nesse aspecto, a despeito das inúmeras pesquisas a ciência ao ocupar-se da temática: mente ou fenômenos mentais, provocam ainda nos dias atuais o sentimento de perplexidade e impotência diante do desafio de explicar algo sem tangibilidade. Logo, até o presente momento, muito pouco ou quase nada a ciência conseguiu desvendar sobre esse “universo” tão complexo e instigador para a compreensão humana.

Entretanto, as duas últimas décadas foram marcadas pela crescente evolução da neurociência, que na sua essência interdisciplinar, dedica-se a investigar as ligações entre o

sistema nervoso com a fisiologia do corpo humano nas mais variadas perspectivas, inclusivamente, explorar as relações entre mente e cérebro.

## 2.2 Sentido da Morte, Conceitos e Critérios

O homem sempre esteve em busca de respostas para dar sentido à morte. Nessa lógica, o pensador Rubem Alves exprime sua reflexão sob a égide de dois princípios que coexistem entre si – vida e morte -, onde autor busca na compreensão dos mais variados sentimentos humanos de contradição, de conformismo ou de medo da morte, uma etapa da vida que envolve o desconhecido e o irremediável, exibido no texto abaixo:

### Sobre a morte e o morrer

**O que é vida? Mais precisamente, o que é a vida de um ser humano? O que e quem a define?**

Já tive medo da morte. Hoje não tenho mais. O que sinto é uma enorme tristeza. Concordo com Mário Quintana: "Morrer, que me importa? (...) O diabo é deixar de viver." A vida é tão boa! Não quero ir embora...

Eram 6h. Minha filha me acordou. Ela tinha três anos. Fez-me então a pergunta que eu nunca imaginara: "Papai, quando você morrer, você vai sentir saudades?". Emudeci. Não sabia o que dizer. Ela entendeu e veio em meu socorro: "Não chore, que eu vou te abraçar..." Ela, menina de três anos, sabia que a morte é onde mora a saudade.

Cecília Meireles sentia algo parecido: "E eu fico a imaginar se depois de muito navegar a algum lugar enfim se chega... O que será, talvez, até mais triste. Nem barcas, nem gaivotas. Apenas sobre humanas companhias... Com que tristeza o horizonte avisto, aproximado e sem recurso. Que pena a vida ser só isto..."

Da. Clara era uma velhinha de 95 anos, lá em Minas. Vivia uma religiosidade mansa, sem culpas ou medos. Na cama, cega, a filha lhe lia a Bíblia. De repente, ela fez um gesto, interrompendo a leitura. O que ela tinha a dizer era infinitamente mais importante. "Minha filha, sei que minha hora está chegando... Mas, que pena! A vida é tão boa..."

Mas tenho muito medo do morrer. O morrer pode vir acompanhado de dores, humilhações, aparelhos e tubos enfiados no meu corpo, contra a minha vontade, sem que eu nada possa fazer, porque já não sou mais dono de mim mesmo; solidão, ninguém tem coragem ou palavras para, de mãos dadas comigo, falar sobre a minha morte, medo de que a passagem seja demorada. Bom seria se, depois de anunciada, ela acontecesse de forma mansa e sem dores, longe dos hospitais, em meio às pessoas que se ama, em meio a visões de beleza.

Mas a medicina não entende. Um amigo contou-me dos últimos dias do seu pai, já bem velho. As dores eram terríveis. Era-lhe insuportável a visão do sofrimento do pai. Dirigiu-se, então, ao médico: "O senhor não poderia aumentar a dose dos analgésicos, para que meu pai não sofra?". O médico olhou-o com olhar severo e disse: "O senhor está sugerindo que eu pratique a eutanásia?".

Há dores que fazem sentido, como as dores do parto: uma vida nova está nascendo. Mas há dores que não fazem sentido nenhum. Seu velho pai morreu sofrendo uma dor inútil. Qual foi o ganho humano? Que eu saiba, apenas a consciência apaziguada do médico,

que dormiu em paz por haver feito aquilo que o costume mandava; costume a que frequentemente se dá o nome de ética.

Um outro velhinho querido, 92 anos, cego, surdo, todos os esfíncteres sem controle, numa cama - de repente um acontecimento feliz! O coração parou. Ah, com certeza fora o seu anjo da guarda, que assim punha um fim à sua miséria! Mas o médico, movido pelos automatismos costumeiros, apressou-se a cumprir seu dever: debruçou-se sobre o velhinho e o fez respirar de novo. Sofreu inutilmente por mais dois dias antes de tocar de novo o acorde final.

Dir-me-ão que é dever dos médicos fazer todo o possível para que a vida continue. Eu também, da minha forma, luto pela vida. A literatura tem o poder de ressuscitar os mortos. Aprendi com Albert Schweitzer que a "reverência pela vida" é o supremo princípio ético do amor. Mas o que é vida? Mais precisamente, o que é a vida de um ser humano? O que e quem a define? O coração que continua a bater num corpo aparentemente morto? Ou serão os ziguezagues nos vídeos dos monitores, que indicam a presença de ondas cerebrais?

Confesso que, na minha experiência de ser humano, nunca me encontrei com a vida sob a forma de batidas de coração ou ondas cerebrais. A vida humana não se define biologicamente. Permanecemos humanos enquanto existe em nós a esperança da beleza e da alegria. Morta a possibilidade de sentir alegria ou gozar a beleza, o corpo se transforma numa casca de cigarra vazia.

Muitos dos chamados "recursos heróicos" para manter vivo um paciente são, do meu ponto de vista, uma violência ao princípio da "reverência pela vida". Porque, se os médicos dessem ouvidos ao pedido que a vida está fazendo, eles a ouviriam dizer: "Liberta-me".

Comovi-me com o drama do jovem francês Vincent Humbert, de 22 anos, há três anos cego, surdo, mudo, tetraplégico, vítima de um acidente automobilístico. Comunicava-se por meio do único dedo que podia movimentar. E foi assim que escreveu um livro em que dizia: "Morri em 24 de setembro de 2000. Desde aquele dia, eu não vivo. Fazem-me viver. Para quem, para que, eu não sei...". Implorava que lhe dessem o direito de morrer. Como as autoridades, movidas pelo costume e pelas leis, se recusassem, sua mãe realizou seu desejo. A morte o libertou do sofrimento.

Dizem as escrituras sagradas: "Para tudo há o seu tempo. Há tempo para nascer e tempo para morrer". A morte e a vida não são contrárias. São irmãs. A "reverência pela vida" exige que sejamos sábios para permitir que a morte chegue quando a vida deseja ir. Cheguei a sugerir uma nova especialidade médica, simétrica à obstetrícia: a "morienterapia", o cuidado com os que estão morrendo. A missão da morienterapia seria cuidar da vida que se prepara para partir. Cuidar para que ela seja mansa, sem dores e cercada de amigos, longe de UTIs. Já encontrei a padroeira para essa nova especialidade: a "Pietà" de Michelangelo, com o Cristo morto nos seus braços. Nos braços daquela mãe o morrer deixa de causar medo. (ALVES, 2003, p. 3)<sup>1</sup>

Percebe-se, que a primorosa crônica de Rubem Alves está permeada de pressuposições ou subjetividades divergentes sobre a morte deixando, por vezes, vir à tona a manifestação do estado psicológico de medo. Uma clara evidência que nesse caso, ele emerge de algo que é totalmente desconhecido do conhecimento humano, que não possui compreensão racional para esse fenômeno. O desconhecido possui o poder de exibir sentimentos contraditórios, podendo

---

<sup>1</sup> ALVES, Rubem. O que é vida? Mais precisamente, o que é a vida de um ser humano? O que e quem a define? Texto publicado no jornal "Folha de São Paulo", Caderno "Sinapse" do dia 12-10-03. fls 3. Disponível em <[http://www.releituras.com/rubemalves\\_morte.asp](http://www.releituras.com/rubemalves_morte.asp)>. Acesso em: 13 jun. 2019.

causar curiosidade, inquietações e a vontade de desvendar, fazendo o homem evoluir. Mas, com igual força, pode despertar a incerteza, frustração, ansiedade, recolhimento e sofrimento.

Em geral, as pessoas evitam confabular sobre a morte como uma maneira de negar que ela faz parte da natureza dos seres vivos, sendo inexoravelmente, o futuro de todas as criaturas e suscitando o estado afetivo do medo. Por conseguinte, as explicações racionais sobre o referido medo tem sido alvo de meditação de filósofos e pessoas interessadas em compreender esse fenômeno natural, que nos remete ao sentido de finitude.

Com efeito, a morte faz parte do conjunto de temas abordados pela filosofia, e, nesse panorama, cabe conceituar conceitos e critérios de morte. Nesse encadeamento, Moraes sobre a morte delibera:

Tratando-se de processo evolutivo, pode-se distinguir a morte do morrer. Enquanto ela é o final da vida, este é a sua progressão no organismo. Tal período é conhecido como agonia e temido pelo sofrimento que geralmente o acompanha. A essência da morte está na ativação da catepsina, ocorrida pela ausência de oxigênio, ou seja, pela anóxia. A diminuição de oxigênio determina autólise, ou seja, sua autodigestão e, assim, a morte. Inicialmente, morre a célula, depois o tecido e, a seguir, o órgão; trata-se de um fenômeno em cascata. Estabelecido o processo, ele pode atingir os órgãos, dos quais depende a vida do indivíduo, os chamados órgãos vitais. Desta forma, desencadeia-se a parada da respiração, do coração, da circulação e do cérebro. (MORAES, 1997, p. 2.

O autor defende que a morte ocorre paulatinamente em fases resultantes de falências de órgãos vitais do organismo em processo na esfera celular, não se manifestando abruptamente. E neste curso, Gomes esclarece que: “Apesar de todo avanço científico da medicina atual, a exata definição do conceito de morte ainda aparece como questão desafiadora, já que não contamos ainda com uma exata definição da sua situação oposta e excludente: a vida. (GOMES, 1992, p. 48)

Isto posto, pode-se afirmar que conceituar a Morte é afiançar o que ela é de fato, sob várias perspectivas que podem ser religiosos, moral, filosóficos e biológicos. Entretanto, a definição de Critérios de Morte diz respeito ao método e normas utilizadas para atestar ou diagnosticar que de fato a pessoa está irrefutavelmente morta.

Nessa conjuntura, percebe-se que apesar de parecer simples conceituar a “morte”, conquanto, a realidade não é assim tão exata. Não existe uma definição definitiva e universal de “momento da morte”, é que o nosso organismo é muito complexo para que isso seja definido objetivamente.

Deste modo, o mesmo autor instrui:

No Brasil, a lei federal 8489 de 1992, regulamentada pelo decreto 879 de 1993, cita morte encefálica como "a morte definida como tal, pelo Conselho Federal de Medicina e atestada por médico" (Art. 3º, V), seguindo os critérios da Resolução 1346 de 1991 do Conselho Federal de Medicina. Mesmo com essas disposições legais, o assunto em nosso meio está longe de consenso satisfatório. (GOMES, 1992, p. 52)

Por consequência, os critérios que determinam a morte são critérios médicos, que na apreciação de Almeida:

só tem significado, se se pode demonstrá-los como logicamente derivados do conceito apropriado de morte'. É portanto sem sentido, usar critérios "flutuantes" que não sejam derivados de um conceito de morte definido. Somente um conceito que especifique a perda irreversível de certas funções (devidas à destruição do substrato anatômico), podem evitar situações anômalas de um paciente estar vivo por um critério e, ao mesmo tempo, morto por outro... A definição médica e legal da morte mudou, há menos de trinta anos, da parada da função cardiorrespiratória, para a chamada morte neurológica. Embora estas alterações tenham sido sancionadas pela maioria das autoridades médicas e jurídicas, persiste um clima de muita controvérsia, reflexo do desarranjo conceitual da literatura sobre o que se deva entender por morte<sup>2</sup>.

### 2.3 A Morte e a Vida em Blaise Pascal

Neste parágrafo, abre-se um parêntese, sem a pretensão da análise profunda, mas como um contributo teórico. Dessa maneira, especula-se respostas para o sentido da morte, identificando o seu conceito, sua importância e os efeitos que esse conhecimento pode produzir no comportamento do homem no parecer de Blaise Pascal<sup>3</sup>. Para tal, preferiu-se alguns fragmentos da obra será alguns fragmentos da obra *Pensées*: 136, 434, 308, 933 e 418 e *Écritsurlagrance*. Percebendo-se, a existência de uma adversidade de sentidos atribuídos à morte entre seus escritos. E para maior alcance reflexivo do sentido da morte, sondar teoria do pecado original, a psicologia profunda do *divertissement* o fragmento da *aposta*.

---

<sup>2</sup> ALMEIDA, Marcos de. Importância médico-legal da drepanocitose na morte súbita. Tese de Doutorado em Medicina Legal da Escola Paulista de Medicina, S. Paulo, s/d. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rfdusp/article/download/67369/699979>. Acesso em: 12 jun.2019.

<sup>3</sup>Blaise Pascal (1623 – 1662), foi matemático, físico, inventor, filósofo e teólogo católico francês. Prodígio, pascal foi educado por seu pai e consagrado nos estudos de diversas áreas das ciências exatas, Blaise Pascal pertenceu aos primórdios do movimento racionalista europeu no século 17, contemporâneo dos esforços de nomes como Francis Bacon e René Descartes para encontrar um novo método científico. Os primeiros trabalhos de Pascal dizem respeito às ciências naturais e ciências aplicadas. Contribuiu significativamente para o estudo dos fluidos. Ele esclareceu os conceitos de pressão e vácuo, estendendo o trabalho de Torricelli. Pascal escreveu textos importantes sobre o método científico. Disponível em: <[https://www.ebiografia.com/blaise\\_pascal/](https://www.ebiografia.com/blaise_pascal/)>. Acesso em: 13 jun. 2019.

### 2.3.1 O Pecado Original como sentido da Morte para todos

A doutrina do pecado original baseado em várias passagens das Escrituras Sagradas como “a Epístola de Paulo aos Romanos (:12-21) e aos Coríntios (1 Co 15:22), e uma passagem do Salmo 51”. Pascal desenvolveu suas abstrações a partir da explicação da doutrina cristã, onde explica-se a origem da imperfeição humana, o sofrimento e a existência do mal por meio da queda do Homem Adão, que causou a queda de toda sua descendência:<sup>4</sup>

A nossa investigação vai partir do pecado original. Poderíamos dizer que ele é a causa da morte, a explicação que justifica o porquê os homens morrem, isso num sentido teológico. Nos *Écritsurlagrâce* a morte é uma das consequências do pecado. É uma certeza que marca o estado de natureza do homem depois da precipitação de Adão. “Adão tendo pecado e sendo tornado digno de morte eterna, / por punição à sua rebelião [...]”(...).

A punição do pecado foi a morte. O fim da vida é a figura da criatura deixada por Deus para morrer desfigurando-se no tempo. Essa mensagem no tempo permite ao homem uma relação tênue com a efemeridade e a contingência. O homem, imagem e semelhança de Deus, depois do pecado de Adão, assume o contrário desse propósito e corrompe-se pelo seu amor próprio, razão de todos os vícios e de todos os males da humanidade. O amor ao próprio homem e em si mesmo, elege uma criatura capaz de adorar a si mesma e fazer de si um Deus. E, Fazer de si um Deus é retornar a Queda e ser deixado se iludir pela promessa da serpente: “Não, vossa morte não está marcada. É que Deus sabe que no dia em que dele comerdes (fruto proibido), vossos olhos se abrirão e sereis como deuses [...]”(...).

Desse modo, sendo a morte fruto do pecado, o homem vai buscar o sentido de sua existência neste mundo corrompido. Jean Mesnard, um dos comentadores da tradição pascaliana, defende que está na corrupção de Adão, a porta de entrada para a leitura da existência humana no tempo: “Da análise do homem Pascal constrói progressivamente a explicação teológica, fornecida pelo dogma da queda e do pecado original, mistério incompreensível, mas que permite compreender a realidade.”

Pascal inicia a partir de uma observação empírica do homem – o homem é um ser que morre – para confirmar a explicação teológica. A morte é uma certeza empírica da condição do homem como criatura contingente, sendo assim, o pecado de Adão é a razão explicativa da condição humana logo após a queda.

A relação entre morte e pecado original observada por Pascal, e tratada por Mesnard, justifica como indispensável à nossa hipótese, pois, se a morte é consequência do pecado, o estado natural maculado é influenciado pelo mal que é transmitido de maneira incondicional a toda criatura. Por essa razão vivemos em um novo estado de natureza, e por essa “ordem” todo ser humano terá de passar pela morte como condenação do pecado. Portanto, podemos dizer que este primeiro sentido da morte é teológico: ela é uma condenação do pecado de Adão, sendo transmitida a toda a natureza humana indistintamente. Mas quais seriam os meios pelos quais nos esquivaríamos da morte? Tentaremos responder essa questão analisando um tema capital do universo pascaliano: o *divertissement*.

---

<sup>4</sup>GÊNESIS 3. 1 – 24 – A QUEDA DO HOMEM. A serpente usada por Satanás seria inimiga do homem e viveria eternamente se arrastando e comendo pó. A mulher teria o sofrimento físico do parto aumentado e seria dominada pelo homem. O homem teria que ganhar o seu sustento com o suor do seu rosto. A terra foi amaldiçoada pelo pecado de Adão e Eva e passou a produzir ervas daninhas e espinhos. A vida do homem na terra seria limitada e, ainda por causa do pecado, o homem foi expulso do Jardim do Éden. Disponível em: <<http://ibvm.org.br/genesis-3-1-24-a-queda-do-homem/>>. Acesso em: 13 jun. 2019.

### 2.3.2 O fim da vida e o *Divertissement*: fragmento 136

Este tema da tradição pascaliana, relaciona a diversão à morte como uma forma de escamotear ou deixar recôndita a condição de efemeridade do homem, ou seja, um pseudo modo de não pensar na finitude existencial do homem a fim de viver a vida sem pensar na morte:

O homem procura o *divertissement* para livrar-se dessa condição de um ser mortal e finito. A morte, como realidade absoluta, certa e inevitável, poderia ser “superada” ao ser esquecida. O homem sugere livrar-se de uma certeza absoluta entregando-se a um sem número de atividades: perigos, guerras, ações ousadas, desavenças, paixões, caça, dança, etc. “[...] toda a infelicidade dos homens tem origem de uma única coisa: de não saber ficar quieto num quarto. ” Ficar em um quarto fechado sem qualquer forma de entretenimento, sem *divertissement*, pensando em si e na própria condição miserável e finita, é está condenado ao tédio (ennüi), ou seja, uma tristeza agonizante e profunda que faria o homem perecer na dor. O tédio é a manifestação da morte de todo homem em vida: a sensação de insegurança e medo insustentáveis e angustiantes. Para livrar-se e, portanto, não enfrentar esse estado que essa condição de ser finito e mortal impõe a todos os homens, Pascal escreveu: “Não tendo os homens podido curar a morte, a miséria, a ignorância, resolveram, para ficar felizes, não mais pensar nisso. ” Desviando seu pensamento de si, esquecendo de sua condição finita, busca-se um ilusório repouso feliz nas atividades do *divertissement*. “Assim se escoia toda a vida; procura-se o repouso combatendo alguns obstáculos e, se eles forem superados, o repouso se torna insuportável pelo tédio que gera”. A miragem de que tendo posse de um objeto tornaria a vida feliz e tranquila é a mentira do homem que Pascal nos relata com precisão.

Não é possuindo isto ou aquilo que nos livra da morte, mas a busca intensa e contínua no sentido da direção da posse. Todo aquele que possui o que desejou não entra nessa lista dos que ainda procuram o *divertissement* e sendo assim, muito próximos do tédio: “Faz-se necessário sair e mendigar o tumulto”. Para tornar esta ideia inda mais clara, veja este exemplo: “Esta lebre não nos garantiria contra a visão da morte e das misérias que nos desviam dela, mas a caça sim, no garante”. Veja que o possuir não desfigura a consciência do homem da certeza da morte, mas a busca contínua poderia realizar esta tarefa: o *divertissement* só é eficaz quando é capaz de enganar o homem de sua precariedade futura.

No fragmento 133, a morte é ilustrada como uma objetividade futura, certa e incurável, o que poderia crescer em uma terrível desilusão para o homem. “Não tendo os homens podido curar a morte, a miséria, a ignorância, resolveram, para ficar felizes, não mais pensar nisso”. (...) Aqui temos uma importante manifestação para compreendermos a psicologia do *divertissement*: divertir-se é desviar-se da finitude. “Daí vem que os homens gostem tanto do barulho e do movimento. Daí vem que a prisão seja um suplício tão horrível [...]”(...).

A diversão é o afago dos homens de suas misérias, impedindo a humanidade de pensar em si próprio, sendo assim, em sua condição finita e mortal: “Sem ela (a diversão) ficaríamos entediados, e esse tédio nos levaria a buscar um meio mais sólido de sair dele, mas a diversão nos entretém e nos faz chegar insensivelmente à morte. ”(...) O *divertissement* possuiria, nesse sentido, um poder letal. Portanto, podemos afirmar, neste caso, que o segundo sentido da morte é psicológico: ela está ligada ao tédio, ao torpor, ao repouso, a dissolução de sentido, à angustia, resumindo, ela estaria ligada a tudo aquilo que a humanidade deseja se livrar, ou nunca possuir. Mas se o *divertissement* não for eficaz, como será nossa reação quando de fato a ficha cair e nos depararmos com a certeza da morte talvez imediata?

### 2.3.3 Morte e Resignação: fragmento 434

No fragmento 343, o autor deixa evidente que indivíduo nada pode fazer diante do fenômeno da morte, uma vez que, vivencia em seu cotidiano que seus iguais perecem continuamente e rendem-se ante ao fim infalível:

No fragmento 434, Pascal mexe com a imaginação do leitor ao descrever uma imagem trágica: “Imagine-se certo número de homens em grilhões, todos condenados à morte, sendo que alguns são degolados a cada dia na presença dos outros; aqueles que ficam vêem a sua própria condição na de seus semelhantes e, olhando-se uns aos outros na dor e sem esperança, esperam a sua vez. Essa é a imagem da condição dos homens”. Este é o reflexo infalível da certeza da morte, da condenação derradeira, do destino certo e inevitável. Pouco a pouco cada um destes homens é degolado na frente de todos os outros prisioneiros. O episódio é relatado em meio ao horror, dor e sem esperança. Mas o que estes condenados poderiam fazer? Nada! Simplesmente esperam a vez de morrer sem poder fazer absolutamente nada. Pascal encerra o fragmento afirmando que essa “é a imagem da condição dos homens”, ou seja, ver seus semelhantes morrerem, todos sabem que esse é o futuro de cada um inevitável, sendo assim, não há nada que se possa fazer.

O fragmento 165 também parece sugestivo: “O último ato é sempre sangrento, por mais bela que seja a comédia em todo resto. Lança-se finalmente terra sobre a cabeça e aí está para sempre.” O filósofo francês, não esconde sua opinião da morte como última e inevitável etapa de cada homem. Portanto, partir destes três fragmentos pode observar que o sentido da morte é existencial haja vista, que estar vivo requer um vínculo necessário e infalível com a finitude. Consciente da certeza da morte compete ao homem resignar-se, pois não há nenhum salvo conduto, ou seja, nada é capaz de livrá-lo. Mesmo a religião cristã, que assegura aos fiéis uma eternidade possível, deixa claro que para adquiri-la é preciso passar pelo fim derradeiro.

No entanto, os homens não são diferentes em seus modos de interpretar a finitude em sua consciência, portanto, uniformes, de modo que cada ser humano reage de maneira diferente diante da finitude. Este trabalho será analisando em três ordens de coisas que poderemos conhecer. As três categorias do homem escritas por Pascal e de qual maneira os representantes de cada ordem distinta enfrenta a dissolução da existência.

### 2.3.4 A morte diante das três ordens de coisas: fragmento 308 e 933

Nos fragmentos 308 e 933 percebemos a exposição que Pascal faz das citadas três ordens de coisas. Quais são estas ordens? Vejamos o que diz Pascal: “A distância infinita entre os corpos e os espíritos figura a distância infinitamente mais infinita entre os espíritos e a caridade, porque esta é sobrenatural”:

A primeira ordem é a ordem da carne, segundo Pascal, nela os homens buscam a riqueza, o poder e a força: refere-se a uma ordem política. A segunda é aquela relacionada ao espírito. Seus envolvidos são os homens da ciência.

No fragmento 308 o autor cita em especial, o matemático Arquimedes como símbolo desta ordem. Os objetivos dos homens da ordem do espírito são completamente distintos daqueles da ordem da carne: “Os grandes gênios têm o seu império, o seu brilho, a sua grandeza, a sua vitória e seu lustre, e não têm nenhuma necessidade das grandezas carnis com as quais não têm relação. Eles são vistos, não com os olhos, mas com o espírito. Isto basta.”(...).

Sendo assim, a imponência dos homens dessa segunda ordem está na força da razão, na habilidade da atividade racional compenetrada. Bom, a terceira ordem é a ordem da caritas, do amor de Deus: poderíamos descrevê-la como a ordem do coração, representada por Jesus Cristo e pelos santos. Os homens desta referida ordem têm o seu poder, de maneira que não há necessidade das grandezas como vimos nas ordens da carne e do espírito.

Veja o que disse Pascal sobre esta ordem: “Deus lhes basta.” Portanto, cada ordem, com suas distintas características, formam a antropologia pascaliana. Essa organização pode ser observada de duas formas. Antes do pecado e da queda de Adão, a ordem do coração era a que prevalecia seguida da ordem do espírito e, por último, a ordem da carne. Mas, devido ao pecado, essas ordens se estabeleceram de outra forma: primeiro vem a ordem da carne, seguida do espírito e, apenas por último, do coração.

Sendo assim, o homem da terra e não mais do céu, é ganancioso pelos bens da carne, orgulhoso pelas conquistas do espírito, e seu coração, parte da alma que se relacionava com Deus, está, nos escritos de Pascal, “[...] oco e cheio de lixo.” Mas como cada representante das ordens é atingido pela morte em sua consciência? Os homens da carne, que têm o corpo como seu principal bem, recebem a morte como o fim de tudo, acaba os reinados, suas conquistas, seus bens, enfim, tudo. Um rei que não é alegre não encontra divertimento nesta vida, certamente irá encontrar-se com a finitude, com a morte, cedendo “[...] às circunstâncias que o ameaçam, revoltas que podem acontecer e finalmente a morte e as doenças que são inevitáveis [...]”. Os reis, os capitães e os ricos, cheios pela lógica do carnal, veem a morte como o fim de suas conquistas e a extinção total de sua glória.

O modo de ver a finitude sem divertimento proporciona a essa categoria o que diz Pascal “infeliz, e mais infeliz do que o menor de seus súditos que jogam e se divertem”. Já os homens do espírito, envolvidos pela busca do conhecer, concebem a morte como o fim de sua glória intelectual: sendo assim, não poderão mais se vangloriar, mostrando “[...] aos sábios que resolveram uma questão de álgebra cuja solução ainda não se tinha podido encontrar” (...). Para aqueles da terceira ordem, a que se refere ao coração, a morte é o preço que toda a humanidade deve pagar pelo pecado, embora, esta morte da carne não é o fim: “a grandeza da fé brilha bem mais quando tendemos à imortalidade pelas sombras da morte” (...).

A fé mostra seu esplendor através de sua potência, proporcionando ao homem acreditar que, mesmo tendo a certeza da morte natural, desta vida de carne, existe a possibilidade da eternidade sobrenatural. Além disso, a morte ainda significa “o coroamento da beatitude da alma, e o começo da beatitude do corpo”. Beatitude significa a felicidade eterna e imutável possibilidade ofertada a todos os homens que poderão desfrutar no paraíso, ou seja, no céu, contemplando Deus face a face. Neste caso a morte embora interrompa a vida carnal, significa o coroamento da beatitude da alma porque, sendo imortal, o homem desfrutará da imortalidade em toda sua totalidade, mas, isso somente depois do findar esta vida corpórea.

O corpo, diferente da alma, é mortal e, por essa razão, perecendo aqui na terra, o homem é revestido por um novo corpo, embora permaneça homem, diferente do primeiro: trata-se do corpo beatífico, imortal e eterno. Portanto, a fé resplandecerá e corpo e alma depois da morte, serão apenas um para sempre eternizado.

Portando, podemos dizer que os três homens que compõem as três ordens de coisas recebem o significado “sentido” da morte de dois modos: os da carne e do espírito concebem a finitude como um evento natural, já que não conseguem ver além da força dos corpos e das limitações do espírito; já os homens da ordem do coração superam a natureza e a recebem de maneira sobrenatural, de modo que a morte, apesar de ser um pagamento da condenação divina por um lado, por outro também representa a porta de entrada para a salvação. Mas qual direção devemos seguir quando o sentido da morte está ligado diretamente à existência ou não de Deus?

### 2.3.5 Morte é uma certeza, tudo mais é Aposta: fragmento 418

Aqui, Pascal pondera que mesmo a morte sendo uma consequência inevitável, existe uma forma de evitar o sofrimento: apostar na existência de Deus com a possibilidade ganhar a vida eterna. Ademais, seria acautelado apostar em um jogo onde a probabilidade de ganhar ou perder possuem igual porcentagem:

O fragmento da Aposta é um diálogo envolvendo um libertino, que é nada mais que, um pensador que não se acredita em qualquer doutrina religiosa ou padrões estabelecidos. Pascal o envolve matematicamente com os ganhos e perdas, a partir de quando apostamos nossa vida com fim consciente, para quem sabe ganharmos uma nova vida infinita. “Seríeis preciso jogar (pois estais na necessidade de jogar) e seríeis imprudentes, quando sois obrigados a jogar, de não arriscar vossa vida para ganhar três em um jogo em que há igual possibilidade de perda e de ganho, mas há uma eternidade de vida e de felicidade”. (...)

Em qualquer jogo em que temos que apostar, seria imprudente da parte de quem aposta, não apostar uma única vida para arriscar ganhar três. Se ganhar, ganha três vidas, se perder, perder a única vida que tem e isso inevitavelmente acabaria com a morte. Por esta razão, o apostador esperto ou no mínimo sensato apostaria sem dúvidas sua vida para ganhar três, já que, ainda que perca a aposta, não perderá nada que já não tivesse que perder com a morte.

Porém, se os números dessa aposta fossem o contrário, a imprudência e a insensatez em não apostar seriam ainda maiores: entre a vida que acabará necessariamente com a morte e a possibilidade de uma vida infinita, é imensamente vantajoso apostar na possibilidade de uma vida infinita. Se perdermos, não perderemos nada além do que já iríamos perder necessariamente com a morte, se ganharmos, viveremos eternamente. Eis a lógica da aposta pascaliana: quando se tem duas ou mais vidas a ganhar é imprudente não apostar uma única vida finita e limitada, mas quando temos uma vida infinita a ganhar, a vantagem é incomensurável.

Apostar em uma vida única, recebendo em troca uma existência eterna e repleta de felicidade, é apostar o finito pela possibilidade do infinito. Toda vida finita torna-se um nada diante do infinito, assim como um ponto torna-se um nada diante de uma reta infinita. Este raciocínio impulsiona o homem a apostar favoravelmente no possível infinito a ganhar.

Nesse sentido, o autor argumenta que apostar ou não apostar na existência de Deus, significa a diferença entre não apostar e conservar-se na situação de precariedade da única possibilidade, que é a morte. Ou apostar, vivendo na expectativa de ganhar vida eterna e a felicidade. Sua afirmativa, denota a possibilidade do uso da razão para escolher entre as duas possibilidades a melhor ou a que seria mais frutífera. Por isso, a opção relativa à existência de Deus está vinculada a falta de certeza, contudo, não impossível. Enquanto a segunda escolha, só oferece a morte como prêmio.

### 3. A DESCOBERTA DA VIDA - PRIMEIRA PARTE

#### 3.1 Primeira Parte

##### 3.1.1 Aspectos do Conceito de Vida

Conceituar vida não é uma tarefa fácil, pois é incerta sua aplicabilidade geral e nesse sentido, muitos pensadores dentro da literatura científica específica de cada área do conhecimento tentam defini-la. Na biologia teórica existe um clima de pessimismo sobre essa possibilidade, como afirma Mayr:

Tentativas para definir a “vida” foram feitas com frequência. Tais esforços são simplesmente fúteis, pois hoje está perfeitamente claro que não há uma substância especial, um objeto, ou uma força que possam ser identificados com a vida. Contudo os processos da vida podem ser definidos. Não há dúvida que os organismos vivos possuem certos atributos que não se encontram, ou não se encontram da mesma maneira, nos objetos inanimados (Mayr, 1998, p. 71).

Ainda assim, Emmeche e El-Hani abstraem uma noção de vida fundada na biologia, no padrão da teoria sintética da evolução, que por sua vez, evidencia a seleção genética:

Uma propriedade de populações de entidades que (1) são capazes de auto-reprodução; (2) herdam características de seus predecessores por um processo de transferência de informação genética e, assim de características hereditárias (implicando uma distinção entre genótipo e fenótipo); (3) apresentam variação em virtude de mutações aleatórias (no genótipo); e (4) têm as chances de deixar descendentes determinadas pelo sucesso de sua combinação de propriedades (herdadas como genótipo e manifestas como fenótipo) nas circunstâncias ambientais nas quais vivem (seleção natural). (Emmeche & El-Hani, 2000, p. 43)

Molwich em seu livro Teorias da “Origem da Vida” relata que muitos filósofos tentam definir a vida como um fenômeno que anima a matéria. A palavra vida tem sua origem do latim “Vita”. Dentre as complexas definições dessa palavra, podemos nos referir ao “processo em curso do qual os seres vivos são uma parte; ao espaço de tempo entre a concepção e a morte de um organismo”. (MOLWICH 2012.p13)

Viver ainda é um mistério, assim como a morte. Para termos a vida passamos por um processo desconhecido, poucos dias ou vários anos, com ou sem deformidades, ela proporciona a todos uma possibilidade de contato com essa experiência misteriosa e sem dúvida fenomenal, onde até os dias atuais nenhum ser terrestre conseguiu precisar sua origem e de onde nasce tanta perfeição. A ciência explica que é partir do espermatozóide durante a fecundação do óvulo que nasce o ser. Mas é a própria ciência que fabrica a vida a partir das células tronco. A bíblia, (livro sagrado), instrumento de fé dos cristãos, também traz várias teorias sobre a vida.

### 3.1.2 Desejo de Viver para Sempre

Desde que o homem passou a se organizar em sociedade, pelo menos é o que se sabe sobre a definição dessa identidade humanitária, ele - o homem sociável - descobriu que gostaria de viver mais e quem sabe para sempre. Sua definição de ser, ainda que de maneira inconsciente logo lhe diferenciava dos demais seres vivos, descobriu portanto que sendo humano, era portador de emoções exclusivas, regada ou motivada pela capacidade de criar e reinventar a si, aos outros e ao seu espaço e isso lhe dava uma certa, ou completa, amplitude racional, sobre os demais animais que habitavam a terra. Logo, significava que o homem pensava, construía, seria capaz de mudar, possuía inteligência dentre outros atributos.

Ao se descobrir, o homem quis se organizar em locais que pudesse construir. Deixou de ser nômade, passou a ter identidade por habitar em um local que passou a ser sua moradia, mais que isso, que fosse também propício para dominar outros seres habitantes da terra que possuíam pensamentos inferiores, ou desprovidos das emoções motivadas pela inteligência. Quis ainda o homem viver mais que os outros animais, quis permanecer quem sabe para sempre naquela vida criada e planejada por ele. É claro que teve uma frustrante realidade, a decepção, ao se deparar com a morte, algo inevitável para ele e isso somente nesse aspecto, lhe aproximava dos demais seres vivos.

O homem em busca de prolongar sua existência na terra ou quem sabe, sua imortalidade, busca incessantemente, alguma maneira de que pelo menos outras gerações pudessem encontrar a atual no futuro. Bom, mas isso seria algo impossível, certo? Não exatamente. Se buscarmos na história da humanidade, os escritos nas cavernas, desde o homem primitivo, os sarcófagos dos antigos egípcios e as demais maneiras dos povos de antigamente, ainda que morto, o homem encontrou uma maneira onde ele pudesse ser visto no futuro, podemos compreender portanto, que está já seria uma razão para justificar nossa teoria.

Se formos buscar os feitos da ciência na medicina ou na pesquisa avançada da existência humana moderna, perguntamos: a ciência das cavernas que objetivou prolongar a vida encontrou ou não na tecnologia à continuação de sua luta em busca da vida eterna? Paramos por um instante para analisar qual o resultado desse início. A clonagem humana só não acontece atualmente por uma proibição das organizações de saúde, a descoberta espetacular dos benefícios das células tronco, a longevidade já não são mais só dos 60 anos, graças ao poderoso milagre da medicina. Ou seja, o homem continua buscando incansavelmente uma maneira de viver para

sempre, ou no mínimo, de retardar o dia de sua morte. A resposta é: as ervas medicinais e os pequenos escritos das cavernas continuaram no homem moderno, justificando suas perspectivas de viver para sempre.

### 3.1.3 A Vida até as Últimas Consequências

Em seu livro “Em Busca de Sentido”, o escritor e psicólogo alemão Viktor E. Frankl relata trechos de tenebrosos dias seus e de vários outros homens e mulheres em um campo de concentração nazista. Na obra, Viktor conta relatos dos piores dias que um ser humano é capaz de passar na terra, sem comida, sem moradia, sendo submetido a tarefas das mais cruéis possíveis em que até mesmo certos animais que suportam duras e longas horas de trabalho, certamente não seriam capazes de suportar. A única certeza dos internos desses campos é a morte. “É fato e notório que justamente estes campos mais reduzidos eram autênticos locais de extermínio”. (FRANKL, 2008, pag. 01).

O homem tem em sua própria existência a definição da vida e ainda que tudo em volta pereça, por esse mesmo sentido, ainda assim é preciso sobreviver. Esse dilema entre vida e morte, ainda que seja uma opção do próprio ser humano, em muitos casos, o fim da vida não é uma condição, não é algo possível de encarar mesmo que, como já citamos tudo em sua volta se defina como morte. O campo de concentração, como define Viktor, poderia ser adjetivo claro do fim da vida, afinal foi exatamente nesse espaço que muitos homens e mulheres buscaram forças para continuar vivendo, embora todos os horizontes definissem o ser que ali estava em todos os aspectos, menos como humano.

O não iniciado que olha de fora, sem nunca ter estado num campo de concentração, literalmente tem uma ideia errada da situação de um campo destes. Imagina a vida lá dentro de modo sentimental, simplifica a realidade e não tem a menor ideia da feroz luta pela existência, mesmo entre os próprios prisioneiros e justamente nos campos menores. É violenta a luta pelo pão de cada dia e pela preservação e salvação da vida. Luta-se sem dor nem piedade pelos próprios interesses, sejam eles do indivíduo ou do seu grupo mais íntimo de amigos. (FRANKL. 2008. pag. 01).

Estar entre a vida e a morte nem sempre é uma escolha, alguns estudos revelam que o suicídio, por exemplo, é uma alternativa para aqueles que querem se livrar de um problema e não necessariamente morrer. A luta pela vida é natural, faz parte do ser, o que vai ser dela ou como fazer para permanecer vivo, é o que traz sentido para construir sonhos, criar projetos, inclusive lutar contra a morte.

## 3.2 Segunda Parte

### 3.2.1 Origem da palavra Morte

Ela vem de “mortificar”, atualmente portando o sentido de “causar sofrimento”, originalmente do Latim MORTIFICARE, “causar a morte”, de MORS, “morte”, mais a raiz de FACERE, “fazer”. No século XVII surgiu o sentido de “humilhar”. “Morte” deriva de uma raiz Indo-Europeia MER-, “morrer”.<sup>5</sup>

A morte é o grande mistério a ser desvendado pelos humanos, talvez por ser a única certeza que podemos ter nesta vida. Curiosamente nem mesmo a própria vida nos oferece essa segurança, exatamente por conta dessa triste certeza, é daí que surgiram as inquietações da humanidade desde o princípio, as quais nos levaram a esta pesquisa. Uma pergunta que poucos responderiam sim, seria: quem está disposto a morrer? Muitos, que não temem a morte, ainda sim têm medo. Parece maluco e contraditório, mas é sem dúvidas a mais pura verdade, é como os cristãos, por exemplo, responderiam, “tenho medo de morrer sem Deus”.

Bom, podemos afirmar que muitos deles só procuraram a Deus através dos cultos e as igrejas, exatamente porque têm medo da morte e a saída para viver feliz para sempre seria o paraíso, oferecido pelos que acreditam na Bíblia. Ainda que essa não seja a realização plena da tese sobre a conversão dos cristãos, essa hipótese não estaria descartada entre os líderes das igrejas que sempre apelam para o apocalipse em suas pregações.

Afinal de contas, qual sentido teria a vida aqui na terra sem a salvação da alma? Como todos têm plena certeza de que viver é bom, oferecer uma vida eterna de alegria, sem dor nem sofrimentos e ainda para sempre, seria nada mais que a perfeição. Vender essa ideia também não é tarefa muito difícil, porque, se acreditamos na morte e temos a certeza que ela virá um dia, que tal acreditar na possibilidade de viver para sempre, ainda que essa seja uma consolação para os corações apaixonados pela vida e que não custa absolutamente nada acreditar que isso possa ser possível, haja visto que ninguém ainda contestou se de fato é verdadeira ou falsa, a teoria que garante a vida após a morte.

Os que contestam essa possibilidade, logo são tidos como infiéis do reino ou candidatos a perecerem nas chamas do fogo do inferno. Diante dessa certeza da morte e das maravilhas da

---

<sup>5</sup> ORIGEM da Palavra Morte. Disponível em: <<https://origemdapalavra.com.br/pergunta/origem-e-significado-primordial/>>. Acesso em: 13 jun.2019.

vida, ainda que sob condições que fogem das possibilidades de sobrevivência humana, como os horrores do campo de concentração nazista, é que surge nossa inquietação neste estudo.

O homem que quer de alguma forma vencer a morte e essa certeza não é fruto da tecnologia, muito menos do mundo globalizado, atravessa ideologias políticas e sociais, se junta, ainda que na maioria das vezes não tenha o propósito de formar correntes universais - na maior união do planeta - poucos são os que querem morrer e nesse aspecto todos estão de acordo que algo precisaria ser feito o mais rápido possível, para que povos do mundo inteiro possam viver um pouco mais, ou quem sabe, para sempre.

Os fatos que nos antecederam em gerações, assim como estes que estamos vivendo e as inovações futuras, nos levarão ao mesmo caminho - possibilitar a viver uns dias a mais.

### 3.2.2 A possibilidade de suavizar a Morte

Sabe aquela ideia de fazer algo de bom aqui na terra como se o coração fosse abrandado e isso pudesse de alguma forma ajudar aos caridosos futuramente? Pois é, essa sensação passa, sobretudo pelos que esperam os frutos de sua obra em algum lugar no “além” - espaço criado pelos humanos que não sabemos onde fica, nem se ele existe - mas que esse encontro nesta vida ou se existir outra, na próxima, de acordo com a fé de cada um. Algo muito semelhante ao amor, a caridade, a oração, a fé, isso de alguma maneira poderia influenciar na possibilidade de uma morte tranquila, ou quem sabe na salvação, o que significaria, portanto a vida eterna:

Por causa do pecado, todos morremos. O pecado nos separa de Deus, que é a fonte de toda a vida. Durante a vida ainda temos oportunidade para nos reconciliarmos com Deus, mas com a morte chega o julgamento. Ninguém pode escapar da morte e do julgamento de Deus. Mas a morte não precisa ser o fim. Jesus morreu e ressuscitou para que todos que crêem nele possam ter vida eterna. No Céu viveremos para sempre com Deus, sem mais sofrimento nem dor. A morte será destruída e a vida vencerá!<sup>6</sup>

O que sabemos desde o princípio é que o homem teme a morte e este estudo não teria sentido caso não fosse principalmente por esse medo que nos fez atravessar gerações em busca de uma cura para esse fim. A bíblia sagrada, para os cristãos em seu conteúdo do princípio ao fim ameniza essa certeza com o desconhecido em várias passagens, como em João 11:25-26:

Eu sou a ressurreição e a vida. Aquele que crê em mim, ainda que morra, viverá; e quem vive e crê em mim, não morrerá eternamente. Você crê nisso?" "Irmãos, não queremos que vocês sejam ignorantes quanto aos que dormem, para que não se entristeçam como os outros que não têm esperança. Se cremos que Jesus morreu e

---

<sup>6</sup>BIBLÍA SAGRADA. Versículos de Morte. Disponível em: <<https://www.bibliaon.com/morte/>>. Acesso em: 14 jun. 2019.

ressurgiu, cremos também que Deus trará, mediante Jesus e com ele, aqueles que nele dormiram.<sup>7</sup>

### 3.3 Terceira Parte

#### 3.3.1 Experiências de Quase Morte ou EQM's

A datar do final do século 19, inicia-se o interesse da ciência em desvendar o fenômeno de EQM ou “quase morte”, onde médicos e pesquisadores, que coincidem em afirmar que para explicar esses eventos deve-se ultrapassar os limites do fisiológico. Dessa forma, a primeira Conferência Médica Internacional ocorrida na França em 2007 foi concluindo que: “não negam que a EQM é mediada por mudanças químicas no cérebro, mas ressaltam que “seu teor extremamente rico e complexo não pode ser reduzido a uma mera ilusão”<sup>8</sup>.

A Experiência de Quase Morte – EQM, é um dos termos utilizados para nomear uma variedade de sensações que acometem muitos indivíduos na ameaça real de morte e que fazem relatados após sobreviverem à parada cardiorrespiratória e a outras circunstâncias críticas. Pesquisas indicam que Entre 4% e 18% dos ressuscitados após paradas cardíacas têm uma experiência de quase-morte.<sup>9</sup>

Nesse contexto, Greyson conceitua o fenômeno das EQM's como sendo: “As Experiências de Quase Morte (EQM's) são eventos psicológicos profundos que têm elementos transcendentais e místicos e ocorrem, normalmente, com indivíduos que estão próximos da morte ou em situação de perigo físico ou emocional intenso.” (Greyson, 2013, p. 241)

Nesta mesma intensão, Moody o autor do termo *NDE – NearDeathExperience*, que significa língua vernácula “Experiência de Quase Morte – EQM, definiu este fenômeno como: “(...) eventos espirituais profundos que acontecem, de forma inesperada, a alguns indivíduos no momento da morte.” (Moody, 1975, p. 04)

Nesse aspecto, estudos se propagam por todo planeta fomentando discussões e teorias. Nesse sentido, Raymond Moody, psiquiatra estadunidense que institui o termo *near-deathexperience* ou “experiência de quase morte- EQM”, empenhou-se em catalogar e analisar mais de cem relatos dessas experiências, onde indivíduos após diagnosticados mortos

<sup>7</sup> BIBLÍA SAGRADA. João 11:25-26 e 1 Tessalonicenses 4:13-14. Disponível em: <[https://www.bibliaon.com/versiculo/joao\\_11\\_25-26/](https://www.bibliaon.com/versiculo/joao_11_25-26/)>. Acesso em: 14 jun. 2019.

<sup>8</sup>Disponível em: <<https://humbertoosousa.blogspot.com/2010/12/morrer-e-voltar-da-morte.html?view=classic>>. Acesso em: 14 jun 2019.

<sup>9</sup>Disponível em: <<https://www.brasil247.com/attachment/575/oasis192.pdf>>. Acesso em: 14 jun 2019.

cl clinicamente pelo profissional de medicina, voltaram à vida. O referido psiquiatra, também produziu o livro célebre sobre o título, “Vida Depois da Vida”. Nessa obra, detectou e caracterizou 15 elementos semelhantes para esses gêneros de episódios:

inefabilidade (não conseguir descrever o que ocorreu em virtude de sua natureza); ouvir-se declarado morto; sentir paz; ouvir barulhos incomuns; ver um túnel escuro; sentir-se fora do corpo; encontrar seres espirituais; encontrar uma luz brilhante ou um ser de luz; rever a vida em síntese; ver um reino onde todo o conhecimento existe; ver cidades de luz; ver um reino de espíritos desorientados; passar por um resgate sobrenatural; passar por uma fronteira ou limite; retornar ao corpo. (MOODY, Raymond, 2018, p. 20 )

## 4 METODOLOGIA

Na propositura científica, a metodologia é percebida como o caminho a ser percorrido para que o autor alcance os resultados esperados. Sendo assim, para os recursos metodológicos, empregou-se procedimentos e técnicas orientadoras para o esboço dessa relevante pesquisa. Que segundo a conceição de Gil a pesquisa é definida como:

(...) procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos. A pesquisa desenvolve-se por um processo constituído de várias fases, desde a formulação do problema até a apresentação e discussão dos resultados. (Gil, 2007, p. 17)

Trata-se também, de uma investigação que segundo sua natureza, emprega-se a abordagem qualitativa, que no entendimento de Minayo: “a pesquisa qualitativa trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. A pesquisa qualitativa é criticada por seu empirismo, pela subjetividade e pelo envolvimento emocional do pesquisador.” (MINAYO, 2007, p. 14)

Quanto aos procedimentos da pesquisa, classifica-se como estudo de caso, que segundo Gil:

Um estudo de caso pode ser caracterizado como um estudo de uma entidade bem definida como um programa, uma instituição, um sistema educativo, uma pessoa, ou uma unidade social. Visa conhecer em profundidade o como e o porquê de uma determinada situação que se supõe ser única em muitos aspectos, procurando descobrir o que há nela de mais essencial e característico. O pesquisador não pretende intervir sobre o objeto a ser estudado, mas revelá-lo tal como ele o percebe. O estudo de caso pode decorrer de acordo com uma perspectiva interpretativa, que procura compreender como é o mundo do ponto de vista dos participantes, ou uma perspectiva pragmática, que visa simplesmente apresentar uma perspectiva global, tanto quanto possível completa e coerente, do objeto de estudo do ponto de vista do investigador (FONSECA, 2002, p. 33).

Segundo a natureza do método científico, usou-se o Método hipotético-dedutivo para a tentativa de montar formas de compreensão adequada dos fenômenos investigados.

Para os procedimentos técnicos e instrumento de pesquisa, optou-se pela coleta e interpretação de dados, substanciados por entrevistas norteadas por questionário com perguntas abertas, e, ainda, pela contribuição da literatura produzida por autores renomados.

## 5 NARRATIVAS E ANÁLISES

Nesse capítulo, para melhor análise dos episódios serão transcritas *ipsis litteris* entrevistas e relatos extraordinários de sete pessoas que contribuíram com depoimentos atinentes ao fenômeno de EQM, pois tiveram morte clínica ou estiveram na iminência de morrer e se recuperaram. Para análise das EQM's, classificou-se os trechos das narrativas nos seguintes tópicos: experiência vivenciada, efeitos posteriores no indivíduo e nas pessoas próximas.

### 5.1 Primeiro Relato

O primeiro caso declarado, refere-se ao estudo de caso, que a priori tem um destaque especial, por ter motivado o aprofundamento deste estudo, onde o pesquisador teve um contato direto com o protagonista que esteve envolvido por duas vezes em casos de quase morte, o que estimulando o desejo de investigar também outras ocorrências, que estão relatadas a posteriori.

Trata-se do Sr. "A", Carpinteiro de 63 anos, morador do bairro Filuca do município de Pinheiro/Ma., que mesmo após ser diagnosticado pelos médicos o seu óbito, conseguiu sobreviver, eventos esses em que o primeiro ocorreu no ano de 2000 e o segundo caso em 2010. Esses fatos passam a serem relatados a seguir:

1 - Como aconteceu seu primeiro contato com a morte?

R – A primeira vez ocorreu no ano de 2000 quando eu fui ferido gravemente por uma facada no abdome. Passei mais de 15 dias com a barriga aberta, em coma, vi coisas e passei por momentos que não são comuns de acontecerem. Não saberia dizer com certeza se eu me encontrava no céu ou no inferno, mas eu estava em um lugar onde eu via pessoas que não conhecia, mas, em algumas ocasiões, conseguia ver gente conhecida. Todavia, não me comunicava com ninguém, não conversavam comigo. Era um lugar de proporções infundáveis, onde não existiam edificações, mas tinha areia, grama, lago e arvores.

2 – Essas pessoas que você viu, já haviam morrido?

R - Eu não sei precisar, porque, eu não cheguei a reconhecer ninguém conhecido que já tivesse morrido, as pessoas que eu vi, ou eram estranhas pra mim, ou eram pessoas que foram embora para outras cidades e que eu a muito tempo não tinha notícias. Por isso, eu não sei se eles já morreram. De conhecido, eu vi "perna torta", que foi um rapaz que morava perto lá de casa no povoado Gama. Mas, ele havia ido trabalhar no garimpo há mais de 40 anos. Não tive mais

notícias nem da família dele. Acredito que essas pessoas que eu vi na primeira vez estão vivas. Porém, elas estavam doentes em situação crítica como eu estava, uns no hospital e outros acamados em casa. Todas essas visões aconteceram em espaço de tempo que não sei mensurar. Depois que me disseram que eu passei 15 dias em coma. O mais estranho é que a sensação é que eu não dormi, não acordei, nada disso... Não se parece com sonho parece algo real.

3 - E você passou por outra situação semelhante?

R – Sim! Dez anos depois eu caí de um telhado quando construía uma casa. Sou carpinteiro. Esse foi pior: passei mais de 30 dias em coma, morto, tive várias paradas cardíacas, só pra você ter uma ideia, um dia desses minha esposa me contou que meus órgãos pararam, os médicos me despacharam, a equipe médica desistiu de mim. Passaram mais de uma hora tentando me reanimar, mas não conseguiram, até que um estagiário decidiu continuar tentando.... (Choro). Eu devo minha vida a ele. Eu percebi que eu saía do meu corpo, saía da sala, percebia que estava acontecendo alguma coisa, mas não consigo decifrar o que era exatamente. Esse rapaz fez de tudo pra eu voltar a viver, eu estava praticamente morto. Muitas pessoas presenciaram: ele subiu em cima de mim e apertou o meu peito com força, por várias vezes, usou o “desfibrilador” muitas vezes, até que eu respirei forte. Minha mulher disse que os médicos ficaram olhando um pro outro sem acreditar. Mas, eu voltei!

4 – Durante o segundo coma, você tinha consciência que estavam tentando te reanimar?

R - Sim, sim, eu via uma movimentação dentro da sala, mas eu não chegava a ver o rosto de ninguém, parece que estava enfumaçado, mas dava para ver que eles estavam preocupados, falando alto, correndo de um lado para outro. Aí nesse momento não ocorreu como da primeira vez, parecia que eu realmente não estava na terra. A sensação é que eu estava subindo a cada momento um pouco mais, e, não tinha certeza, que aquilo que eu via era nuvens ou fumaça, mas estava tudo muito diferente. Eu escutava vozes, não dava pra eu saber o que eles estavam falando, mas não eram só das pessoas que estavam na sala que falavam. Sabe quando você está em um lugar aberto aonde tem muita gente? Pois é, assim que era, mas eu não via nitidamente às pessoas, somente os vultos de dentro da sala. E a proporção que eu subia, deixava de ver o pessoal da sala, só escutava vozes estranhas, muita gente falando ao mesmo tempo, não sabia se eu estava indo para o céu ou para o inferno.... (Risos) Nesse caminho eu senti primeiramente frio e em seguida calor. Era muito estranho, até que repentinamente, tive a sensação de estar caindo, sentir uma dor forte no peito, e não vi mais nada, não vi mesmo, desde essa hora eu não vi mais nada, até hoje.

5 - De que forma que esses eventos, mudaram a sua vida?

R – Na verdade, tudo mudou, eu nunca tive medo de morrer e até hoje eu não tenho. Mas, a gente... (choro) Sabe, parece que quando se volta de uma coisa dessas, ganha-se uma segunda chance. E no meu caso, já são três, não é? ... (Risos) Depois disso, eu procurei frequentar a igreja e hoje sou um homem de Deus, juntamente com minha esposa. Eu creio que Deus deve ter um projeto para a minha vida, que eu ainda não sei qual é. Antes disso, eu bebia e achava que a diversão era a melhor coisa da vida, e, depois de tudo o que aconteceu comigo, descobri que o importante é a vida da gente.

6 - E depois da segunda experiência, o que mudou?

R – Sinceramente, acho que não sirvo mais pra nada, depois daquela luta do doutor pra eu voltar a viver, eu voltei, mas não enxerguei mais... não sei o que foi pior... (choro)

Hoje sou um cego e tudo na minha vida mudou radicalmente. A minha esposa, já não me trata como antes, temos muitos atritos. Eu sempre fui um homem de acordar cedo, sabe? Trabalhar, cuidar dos meus filhos. Mas, hoje meus filhos foram morar com os meus parentes, vivemos só e essa mulherzinha nesta casa. Levando a vida como Deus quer, acho que só Ele, não é? Somente Deus para dizer o que ele quer comigo.

7 - E depois de tudo isso, o que é a vida pra você?

R - A vida pra mim é tudo, mesmo eu estando nesta situação de não poder mais trabalhar, eu confio em Deus e sei que se eu estou aqui de volta, depois de morrer duas vezes, é porque alguma missão eu tenho para realizar nesse mundo. Mesmo que seja somente para testemunhar para as pessoas tudo o que eu passei, e servir como exemplo, não é? Porque, todos somos filhos de Deus e cada um tem sua missão aqui na terra. Eu sinceramente, vivia para o trabalho e para a diversão com os amigos, e, talvez, de quem eu menos me lembrava durante o ano, era de Deus, só quando a gente às vezes ia à missa, ser padrinho e olhe lá! Mas, hoje de 100 coisas que passa pela minha cabeça e da minha mulher, eu afirmo com toda certeza que 99 meu pensamento está em Deus, ou em alguma coisa ligada a religião.

Meus filhos também hoje são todos crentes. Portanto, se para eu ter vida eterna, eu tiver que passar por tudo isso, eu aceito de coração tudo que eu estou passando.

## 5.2 Segundo Relato

Depoimento de um amigo, que aos 11 anos no Rio de Janeiro, sofreu um episódio de meningite, nos anos 1942 e que esteve em coma por mais de 30 dias, retornando deste período cego e recuperando a vista de maneira milagrosa após 10 anos sem enxergar:

1 - Sr. Ricardo, conta pra gente a experiência que você teve e por que você ficou na situação de quase morte?

R – Em 1950, eu estava com 11 anos e morava no Rio de Janeiro. Logo após o almoço, fui disputar um campeonato infantil de futebol na praia do Leblon na posição de centroavante. Logo na primeira disputa de bola, quando fui cabecear à bola fui atingido por um chute do zagueiro que me atingiu a boca e nariz, em ato contínuo corri para a margem da praia para lavar o sangue que descia do meu rosto, em ato contínuo, fui para o hospital Miguel Couto onde recebi atendimento médico adequado, e, em seguida, fui embora para casa. No dia seguinte fui à escola com meus familiares e no ônibus comecei a vomitar, já apresentando um quadro de febril de 40 graus e desmaios. Fui levado para o hospital, onde foi constatado que eu estava com meningite meningocócica pela contaminação dos resíduos do esgoto que contaminara a água da praia e consequentemente fui contaminado pelas bactérias através do ferimento que tive dentro da boca e do nariz. Perdi a consciência e fiquei um mês em coma no Hospital do caju, hospital de doenças infectocontagiosas, onde prognóstico apontavam para o óbito, já que naquela época não havia tratamento ou drogas eficazes para combater a patologia. Após um mês, acordei do coma e perguntei ao médico, infectologista prof. Universitário conhecido por Dr. Malagueta, a causa de estar tudo escuro? Respondeu-me, que eu deveria ficar em absoluta escuridão, pois eu tivera febre muito alta e meus olhos haviam se transformado em duas bolas de sangue. E, posteriormente, informou ao meu pai, que por milagre, estava escapando da morte, mas como consequência da doença eu perderia a visão de forma irreversível, ficar sem os cabelos e ser portador de doenças mentais.

2 - E como você estava fisicamente após acordar do coma?

R – Estava muito debilitado – excessivamente magro – e com ulceração por todo corpo em decorrências de ficar muito tempo deitado.

3 – Em que momento você passou pela experiência EQM ou “experiência fora do corpo”?

R – Eu tive que convalescer no hospital, onde fui cobaia em uma experiência inovadora conduzida pelo médico citado anteriormente. À vista disso, na primeira sessão desse experimento, que consistia em o médico realizar uma punção liquórica em minha medula

espinhal para retirar o líquido ou licor cefalorraquidiano<sup>10</sup>, objetivando associá-lo ao antibiótico penicilina que havia acabado de surgir, e inoculado em meu corpo. Ocorre que logo na primeira sessão, eu me encontrava deitado de bruços, meu pai em volta da cama com o médico e a enfermeira. Enquanto o médico aprofundava, com uma seringa e uma longa agulha, em minha coluna a enfermeira, inadvertidamente, roçava com uma tesoura à parte lateral de minha perna e causava-me desconforto e dor. Naquele momento eu exclamei: eu estou vendo a enfermeira com a tesoura encostando na ferida da minha perna e está causando dor! Meu pai então fez um sinal girando sobre sua orelha para o médico, insinuando que eu estaria louco. Imediatamente eu protestei: meu pai, não estou ficando louco, estou aqui em cima do teto olhando para vocês, vendo tudo o que está sendo feito em meu corpo e acontecendo nesse quarto, e, mais, posso passar pela porta, que está fechada, sair e andar por todas as alas do hospital e ninguém me vê, mas eu os vejo. E, cabei de passar na cozinha e estão preparando uma sopa, que me deu muita fome. Gostaria que o senhor providenciasse um suco de uvas, pois estou com muita vontade louca de beber. Meu pai então perguntou: aonde vou encontrar suco de uvas? Respondi: é muito simples, o senhor sai do hospital, desce uma rampa da direita, atravessa a rua e do outro lado vai encontrar um bar, que sobre a prateleira tem suco de uvas, pois acabei de ir lá para verificar. Todos ficaram admirados, uma vez que eu estava cego e deitado de bruços, o quarto escuro com apenas uma pequena lâmpada para iluminar o local da punção, como eu poderia detalhar com precisão o gesto que meu pai fez e tantas informações exatas? Logo em seguida o médico concluiu que o que eu acabara de dizer demonstrava que eu estava lúcido, contrariando as perspectivas médicas de que eu ficaria completamente louco.

4 – Nesses momentos que você estava fora do quarto, você tinha sensação de corpo?

R – Não! Eu não me sentia e nem me via. Só via às coisas e as pessoas por onde eu passava.

5 – Após essas experiências, houve repetição desse fenômeno?

R – Sim! Quero deixar claro que durante o tempo de recuperação no hospital, eu sempre saía do meu corpo para fazer passeios pelo hospital. Eu fiquei cego dos 11 aos 20 anos. Fui consultar com um, Dr. Renato e juntamente com o Dr. Rolim, médico cirurgião oftálmico de renome

---

<sup>10</sup>O líquido cefalorraquidiano (LCR) é um líquido incolor, que circula o cérebro e a medula espinhal através do espaço subaracnoideo, ventrículos cerebrais e o canal central da medula. O exame do líquido cefalorraquidiano (LCR) ou líqor vem sendo utilizado como arma diagnóstica desde o final do século XIX, contribuindo, significativamente, para o diagnóstico de patologias neurológicas. Além do diagnóstico, a análise do LCR permite o estadiamento e o seguimento de processos vasculares, infecciosos, inflamatórios e neoplásicos que acometem, direta ou indiretamente, o Sistema Nervoso. Através da punção liquórica é possível, também, a administração intra-tecal de quimioterápicos, tanto para tratamento de tumores primários ou metastáticos do Sistema Nervoso Central, como para a profilaxia do envolvimento neurológico de tumores sistêmicos. Disponível em: <<http://www.fleury.com.br/medicos/educacao-medica/manuais/manual-de-neurodiagnosticos/pages/liquido-cefalorraquidiano.aspx>>. Acesso em:

nacional e internacional que atestaram que meus olhos, apesar da cegueira permanente, estavam perfeitos e bonitos. Contudo, não recomendaria uma intervenção cirúrgica, porquanto a íris dos olhos poderiam ficar esbranquiçadas e feias, e, que poderiam realizar a cirurgia, mas com a autorização dos pais e sem oferecer a mais remota garantia de sucesso. Eu e meus pais agendamos com o médico a cirurgia para alguns dias depois. Antes dessa intervenção, procurei a minha igreja e pedi ao meu Deus e a interseção de Santa Rita de Cássia, a qual eu sou devoto. No dia antecedeu à cirurgia, eu já estava internado no hospital do servidor do Estado do Rio de Janeiro, quando senti uma mão sobre minha mão direita e um tecido, como se fosse uma manga de um habito religioso. E, então perguntei: é uma irmã de caridade? A voz respondeu: sim, sou uma irmã de caridade, mas me chamo Santa Rita de Cássia... Comecei a chorar, peguei o crucifixo que a Santa carregava e beijei, ela me abençoou e disse: “eu estou aqui hoje para lhe dizer que amanhã quando vierem buscá-lo para fazer a cirurgia, diga aos médicos para fazerem a cirurgia que você vai voltar a enxergar. Beijei o habito e ela reiterou que eu falasse aos médicos que “Ela” havia mandado dizer que eu ficaria curado da visão e que eu estive com você. E se eles perguntarem se você estava dormindo ou sonhando, responda que não. Quando eu fui para a sala de cirurgia o Dr. Rolim disse: nós estamos em nove médicos na equipe e todos nós queremos te dizer que não temos condições de fazer essa intervenção, uma vez que, você além de ficar cego, ficará com os olhos esbranquiçados. Eu repliquei: vocês podem realizar o procedimento cirúrgico, porque ontem eu estava acordado e recebi a visita da Santa de minha devoção, Santa Rita de Cássia, que disse que eu ficaria curado após a cirurgia. Os médicos disseram que independentemente de qualquer coisa iriam fazer devido eu ter autorizado. Assim, rezamos um Pai Nosso e uma Ave Maria, aplicaram a anestesia e iniciaram a intervenção e depois fui levado de volta ao quarto de recuperação, onde fiquei em total escuridão com um tampão escuro nos olhos. Pouco depois o Dr. Rolim entrou e me falou: a sua “amiga” estava com a razão, nós não mexemos em seus olhos, mas não fizemos nada, não fizemos a sua cirurgia, porque não havia nada o que fazer, na verdade não sabíamos o que fazer. Só aceitamos o seu pedido para satisfazer teu desejo. Porém, vou acender a luz do quarto, mas os tampões vão permanecer por 15 dias. Você vê alguma coisa? Respondi: estou visualizando uma luz. Ele disse: não precisa se emocionar, mas você vai voltar a enxergar e realizar o seu sonho de estudar novamente. Quero enfatizar que os cristalinos dos meus olhos foram seriamente afetados pela doença e teve que ser retirado. Eu voltei a enxergar depois de 10 anos completamente cego e até hoje vários especialistas da área de Oftalmologia me procuram para me examinar e não sabem explicar, cientificamente, como voltei a enxergar nessas condições.

6 – Em sua opinião, tudo que você vivenciou provocou alguma mudança na sua forma de viver a vida e encarar a morte? Você acredita, que de alguma forma, esse fato provocou mudanças nas pessoas ao seu redor?

### **5.3 Terceiro Relato**

Eduardo Arraia relatou no “Brasil 247: o seu jornal digital” casos de pessoas que estiverem próximas da morte e que suas recuperações impressionam profissionais da saúde e cientistas das mais diversas áreas: “O paciente de 44 anos que deu entrada no hospital naquela noite apresentava parada cardíaca e extremidades arroxeadas. Ao ser entubado, a parte superior de sua dentadura saiu do lugar e um médico colocou-a sobre o carrinho de atendimento. A equipe insistiu por um bom tempo na ressuscitação cardiopulmonar e, 90 minutos depois, ele foi levado para a UTI, ainda em coma, entubado e com ventilação artificial.”

Uma semana depois, o médico reencontrou o paciente. Este, ao vê-lo, apontou para uma funcionária e exclamou: “Aquela enfermeira sabe onde está minha dentadura!” E disse ao perplexo médico: “Sim, você estava lá quando a ambulância me trouxe para o hospital. Você tirou minha dentadura da boca e a pôs em cima do carrinho.”

O médico perguntou ao paciente o que ele se lembrava da ocasião e se surpreendeu com o que ouviu. O homem se viu na maca, de uma perspectiva de cima, e assistiu ao esforço de médicos e enfermeiras para recuperá-lo. Ele descreveu em minúcias a pequena sala em que fora atendido e o aspecto das pessoas presentes. Disse que buscou, sem êxito, mostrar à equipe que ainda vivia e que as manobras de ressuscitação deveriam continuar. O paciente ficou tão impressionado com o ocorrido que confessou não temer mais a morte. Quatro semanas depois, já recuperado, recebeu alta.

### **5.4 Quarto Relato**

O Dr. Raymond Moody Jr.<sup>11</sup>, apresenta um depoimento que pode ilustrar sobremaneira as EQM's relatadas, mas não representa completamente como um padrão único de experiência, visto que, embora todas experiências sejam de conteúdo parecidos, diferenciam-se em tipos e números de elementos presentes durante os eventos:

---

<sup>11</sup> Dr. Raymond Mood, médico, psicólogo e parapsicólogo americano em 1975 escreveu o livro com o título “Vida depois da Vida”, abordando a temática “Experiência de Quase Morte – EQM”. E a partir de sua obra, os pesquisadores passaram a utilizar essa nomenclatura em suas abordagens. Disponível em: <<https://www.brasil127.com/attachment/575/oasis192.pdf>>. Acesso em 14 jun.2019.

Um homem está morrendo e, quando chega ao ponto de maior aflição física, ouve seu médico declará-lo morto. Começa a ouvir um ruído desagradável, um zumbido alto ou toque de campainhas, e ao mesmo tempo se sente movendo muito rapidamente através de um túnel longo e escuro. Depois disso, repentinamente se encontra fora de seu corpo físico, mas ainda na vizinhança imediata do ambiente físico, e vê seu próprio corpo a distância, como se fosse um espectador. Assiste às tentativas de ressurreição desse ponto de vista inusitado em um estado de perturbação emocional.

Depois de algum tempo, acalma-se e vai se acostumando à sua estranha condição. Observa que ainda tem um "corpo", mas um corpo de natureza muito diferente e com capacidades muito diferentes das do corpo físico que deixou para trás. Logo outras coisas começam a acontecer. Outros vêm ao seu encontro e o ajudam. Vê de relance os espíritos de parentes e amigos que já morreram e aparece diante dele um caloroso espírito de uma espécie que nunca encontrou antes — um espírito de luz. Este ser pede-lhe, sem usar palavras, que reexamine sua vida, e o ajuda mostrando uma recapitulação panorâmica e instantânea dos principais acontecimentos de sua vida.

Em algum ponto encontra-se chegando perto de uma espécie de barreira ou fronteira, representando aparentemente o limite entre a vida terrena e a vida seguinte. No entanto, descobre que precisa voltar para a Terra, que o momento da sua morte ainda não chegou. A essa altura oferece resistência, pois está agora tomado pelas suas experiências no após-vida e não quer voltar. Está agora inundado de sentimentos de alegria, amor e paz. Apesar dessa atitude, porém, de algum modo se reúne ao seu corpo físico e vive.

### **5.5 Quinto Relato**

Depoimento excelso do dr. George Rodonaia<sup>12</sup>, uma vez que, contrapõe-se a muitas doutrinas céticas médicas ainda presentes na contemporaneidade e encerra concluindo que “a morte não existe”:

“Eu era um dissidente da União Soviética.... e havia sido convidado pelos EUA em 1975.... em 1975 foi quando recebi este convite. Em 1976, recebi o visto de exílio, e estava partindo para Nova York neste dia.

---

<sup>12</sup> Dr. George Rodonaia, PHD em Psicologia, russo, radicado nos EUA, formado em física e química, anatomia e outras fisiologias. Atualmente, residente nos EUA é psicólogo e pastor protestante. Disponível em: <<https://nelson%20pinheiro/eqm%20-%20experi%20c3%aancias%20de%20quase%20morte.html>>. Acesso em: 14 jun. 2019.

Estava indo pegar meu passaporte.... e já estava pronto para viajar. Minha família já estava no aeroporto me esperando. Então, andando na calçada fui atropelado por um carro. Foi tudo simulado pela KGB. Eles queriam me matar.... e não me deixar partir. Então fui levado a um hospital. Os médicos fizeram tudo que podiam para me ajudar, mas .... fui considerado morto.

Era a liberdade absoluta de seu corpo e mente. Isto me surpreendeu. E era muito interessante também. Estava feliz nessa experiência, porque podia ver os pensamentos deles. Podia ver tudo que estava acontecendo. Podia sentir cheiros, podia ouvir .... e podia ver os pensamentos deles.

Isso foi o que mais me deixou feliz e orgulhoso. Não sei se é uma boa palavra, mas me orgulhava desse poder.

Não estava me incomodando.... via o meu corpo e o odiava .... eu não queria voltar para ele. Era impressionante que .... eu também não deixava o corpo. Eu estava por toda parte.... onde pensavam em mim. Mas estava com meu corpo. Quer dizer que eu não estava saindo de um lugar para outro. Estava em todo lugar ao mesmo tempo.

Podia estar em Nova York, podia estar em LongView, Texas. Podia estar em Moscou, podia estar em Felia, Geórgia.... em qualquer lugar. Não havia nem tempo nem distância para mim...

Podia me comunicar com as crianças; crianças muito pequenas que não falavam nem andavam .... e que estavam vindo daquele lugar para onde eu estava indo. E a comunicação com elas era impressionante, uma comunicação espiritual. Não falávamos com palavras. Falávamos através de uma comunicação mental. Ela havia quebrado o quadril... e ninguém entendia por que ela chorava tão alto.

Os médicos e os pais dela estavam muito preocupados. Eu disse: Não chore. Ninguém vai mesmo entender o porquê. E ela parou de chorar e sorriu. Foi uma experiência incrível, pois as pessoas olhavam e diziam: “Ela tem isso... Aconteceu isso com ela”. Mas, não conseguia comunicar-me com eles.

Depois do terceiro dia, quando eu estava de novo em meu corpo, e depois de três dias, quando já podia falar, disse a eles: “sua filha está chorando porque quebrou a bacia.

Este é o diagnóstico que estão procurando”. Descobriram que era verdade. Ficaram chocados e surpresos.

“Sentia aquela dor... E estava escuro. Não enxergava nada. Não conseguia mexer as mãos, não conseguia mexer o corpo...

Compreendi que não tinha nada, mas eu existia. Isso me assustou. O medo do desconhecido. Por que todos têm medo da escuridão? Porque não sabem o que há na escuridão. O medo da escuridão se deve ao desconhecido. O não compreensível é o que faz você ter medo. Tinha medo da escuridão, tinha medo de estar lá. Mas o que causava mais medo era estar em algum lugar sem meu corpo.

Mas eu existia. Eu era um cientista, trabalhava com psicologia e línguas. Aprendi física, aprendi química e muitas outras... fisiologia.... anatomia.... e tudo se baseava no materialismo dialético. Materialismo histórico.

Na minha cabeça, era impossível estar em um lugar sem o corpo. Onde está meu componente principal, minha vida, meu corpo? Estava morrendo de medo. Mas eu estava morto. Essa era a sensação difícil de compreender.... que você existe.... mas, você não existe. Se você pensa.... você existe. “Se penso, pensei, existo”.

Mas, se existo e penso.... porque não posso pensar positivamente sobre o que acontece à minha volta?

E comecei a pensar sobre... a luz. Via lua fora da escuridão. E isso me chocou. Mas o primeiro sentimento foi o de ir até essa luz.... o primeiro pensamento que me veio foi... ir para essa luz. E fui em sua direção.

Uma coisa muito maravilhosa que aconteceu comigo.... foi que vi meus pais, meus pais verdadeiros..... e vi foram assassinados.

Foram assassinados pela KGB em Moscou... e isso me deixou feliz. Parece ridículo, mas fiquei feliz, porque sempre pensara que tinha sido abandonado por eles. Estamos vivos devido ao amor. Foi isso o que me trouxe de volta. Francamente, eu não queria voltar. Mas, o amor me trouxe de volta, o amor dos que me queriam.

A escuridão, onde estava antes .... (esse é o inferno total). É o mesmo que disseram a você.... separar-se da luz.... do amor... de Deus.... do infinito.

Claro que isso é o inferno. É por isso que o suicídio foi condenado por todas as religiões. Dizem: “Você vai para o inferno”. Significa “para lugar nenhum”. “Lugar nenhum”, não existe. Significa ir para algum lugar que é o oposto da bondade.

Eu estava no necrotério no fim de semana, e na 2ª feira me tiraram do necrotério e me lavaram. E começaram a autópsia. Eram 11:00 hs da manhã quando abriram meu abdome. Tiraram um hematoma.... hematoma.

Começaram a autópsia tipo “T” .... e uma imensa força me pegou.... acho que pelo pescoço.... não sei explicar o que era.... e empurrou-me para baixo.

E eu vi esse movimento para baixo.... e então senti minha cabeça doer, e abri os olhos! Foi assim que voltei ao meu corpo.

Essa é a principal mensagem que eu trouxe: “QUE O AMOR NÃO PODE SER MUDADO, ISTO É, ELE É ETERNO. E O AMOR ESTÁ SEMPRE UNIDO À VIDA. O AMOR É O QUE MANTÉM VIVO ESTE MUNDO. O AMOR .... A ETERNIDADE. O AMOR É A BASE DA ESPÉCIE HUMANA. ESTAMOS VIVOS DEVIDO AO AMOR.”

Vi a vida como infinita luz .... infinita luz. Como ... o ser eterno. Não podemos morrer porque já fomos criados para viver sempre.... A dimensão do espírito é.... vida eterna. A morte não existe. Não tenha medo. A morte é como uma ponte, uma estação.... estação de trem, aonde se chega para passar a uma outra vida”.

## **5.6 Sexto Relato**

Depoimento do livro “O que acontece quando morremos” de autoria de Dr. San Parnia (2008. p. 84-86):

“Tudo aconteceu quando eu tive um colapso em casa, e me arrastei até o telefone. Eu tinha um amigo que veio em meu socorro, e finalmente fui internada em um hospital.... não me deram nada para beber por 48 horas, já que qualquer coisa poderia aumentar a dor, portanto, minha condição clínica não era muito boa.... O problema era que eu estava sofrendo por causa de uma gravidez ectópica, a trompa de falópio estava se rompendo, causando sangramento.... De repente me encontrei ao lado de mim mesma, olhando para uma corda que me ligava ao meu corpo, e pensando sobre o quão fina ela era. Alguém estava ao meu lado. Fez com que eu me sentisse segura e me encorajou a ficar em sua companhia, dizendo que a corda era insignificante e que eu não deveria me preocupar com sua fragilidade. Fui guiada para a luz. Era uma espécie de vazio, no qual me vi com a habilidade de voar, ou deveria dizer que não tinha peso? – uma experiência muito estranha. Ao longo da jornada, ficava olhando para trás, a fim de me assegurar de que minha companhia estava ao meu lado, mas de alguma forma, no final da viagem, me senti apenas contente por continuar e chegar ao fim.

Alcançando a luz, encontrei outros seres de luz que me encorajaram a fazer uma análise de minha vida. Nesta experiência minhas ações não foram julgadas por outros, eu própria me julguei. Podia ver dentro de minha mente, e não havia maneira de escapar dos meus

pensamentos. Gentilmente, fui encorajada a compreender como meus erros machucaram os outros.

Fiquei confusa, uma vez que tudo era muito estranho. A palavra ‘morte’ nunca foi mencionada, mas ainda assim, de certa forma, compreendi que estava em um lugar espiritual, onde os que haviam falecido recentemente andavam. Muitas perguntas vieram à minha cabeça: Como? Por quê?

Eu tinha acabado de ter dor abdominal, nada perigoso à vida. Os espíritos me disseram que eu estava grávida. Não sabia disso antes de me falarem. Apenas achava que tinha uma dor abdominal. Também me disseram que o espírito da criança havia inicialmente consentido em nascer, mas então mudou de ideia... que ele havia experienciado uma vida muito traumática antes.... e ainda não estava pronto para encarar a vida novamente. Talvez com muito amor e encorajamento ela o faria no futuro. Pedi para ver este espírito, e expliquei que, comigo e com meu marido, ele teria muito amor. Estávamos esperando outro bebê havia muito tempo. Houve uma hesitação, e só posso presumir que o espírito ficou preocupado e pediu consulta. Após um tempo, conversamos juntos. Pobre alma, eu conseguia sentir seu medo. Ele se sentia bem com seus irmãos de luz ao seu redor, que o apoiavam com muito amor e cuidado... ‘um dia’, foi a mensagem de um dos irmãos. ‘Seja paciente com ele’.

Continuei a jornada e mais adiante aparentemente conheci o grande Deus de muitas religiões, uma experiência maravilhosa, e eu consigo entender agora por que São Paulo tanto quis estar ao seu lado, para estar na presença de um amor tão incondicional... compreensivo... Eu não precisei falar - pensamentos eram suficientes.

Era como se todos fossem um só e compartilhassem deste ser; sua radiação estava por todo lado. Até hoje me lembro com enlevo e deslumbre dessa experiência.

Fiquei muito preocupada e extremamente triste, por abandonar um bebê de 18 meses. Quem iria tomar conta dela? Meu marido estava fora, nenhum membro da família próximo. A compaixão (de Deus) era tão forte, seu amor e sua preocupação tão abundante, que, por sua graça, me permitiram voltar. Disseram que eu teria uma missão muito especial a fazer mais tarde na vida, quando minhas crianças crescessem. Ela já sabia que haveria outra.

Não consigo me lembrar muito da volta. Lembro-me de estar no teto do quarto observando duas enfermeiras trabalhando em meu corpo. Houve um solavanco e então só recordo que eu estava numa espécie de sono profundo.

Nunca tinha lido sobre experiências fora do corpo, ou experiências de quase morte, os termos usados hoje em dia.... dois anos depois, meu filho nasceu muito doente, mas até hoje mantive minha palavra dado ao espírito – a de que o amaria incondicionalmente tanto quanto ele precisasse de mim. Criei um lar de amor, e, como família, trabalhamos juntos para amarmos uns aos outros e ao mundo ao nosso redor – um pequeno espelho daquilo pelo qual passei na terra de luz. Após essa experiência, não tenho mais medo da morte e acredito totalmente na vida depois dela.

### 5.7 Efeitos Transformadores da EQM

Na atualidade, o meio científico já oferece uma progressiva literatura experimentada, que se ocupam dos impactos que as pós-ocorrências de EQM causam nas pessoas. Estudos científicos do Dr. Melvin Morse em 1990 sobre a experiências de crianças que passaram por morte clínica, resultou no livro “*Closeto the Light* ou na língua portuguesa “Transformados pela Luz”, tendo como foco principal os efeitos posteriores a uma EQM, submetendo os inquiridos a um método padronizado de testes, que estão sintetizados no quadro abaixo:

#### 5.8.1 Quadro 1 – Testes Padronizados

TESTES PADRONIZADOS		
A	Perfil de adaptação à vida	Avalia as pessoas em áreas como depressão, espiritualidade, uso de drogas, hábitos alimentares e grau de satisfação com a vida em geral.
B	Escala de ansiedade com a morte	Foram usadas duas. A direta, chamada Escala Templer de Ansiedade com a Morte, que faz uma série de perguntas do tipo verdadeiro/falso tais como: “tenho muito medo de morrer”, “tenho pavor de sofrer um ataque cardíaco”, “sempre penso em quão curta é a vida”. A outra escala aparece implicitamente e de forma sutil ao longo das perguntas que são realizadas. Esta escala é chamada de Levantamento sobre Atitude de Vida de Reker-Peacock, que mostra sua satisfação com a vida e o que é importante para elas.
C	Levantamento de Valores de Greyson	Determina o que é importante para uma pessoa, tais como aptidão física, ser compreendido, oração, paz mundial, dinheiro e coisas materiais e sucesso pessoal.
D	Questionário sobre Acontecimentos Paranormais Subjetivos	Este questionário foi desenvolvido pelo Dr. Neppe e ajuda a pessoa a examinar as suas percepções sensitivas e a classificar qualquer experiência que tenha tido como sendo válida ou inválida.

(Morse & Perry, 1997; Ring, 1996)

A pesquisa realizada pelo Dr. Melvin Morse foi direcionada a três grupos distintos: ao grupo de pessoas que passaram pela EQM's e que se declararam modificadas na sua forma de

encarar a vida e a morte; grupo formado por indivíduos céticos que passaram por EQM's; e grupo que não passaram pela experiência de quase morte, para em seguida, fazer a comparação entre eles.

O autor, com esse experimento, conseguiu alcançar dados conclusivos. Após entrevistar mais de quatrocentas pessoas, revelou que as pessoas sofrem mudanças prolongadas a partir das experiências de quase morte, como: diminuição da ansiedade em relação à morte, maior gosto pela vida, inteligência mais elevada e aumento das capacidades sensitivas.

Na continuidade, o Dr. Moody analisou 150 casos EQM's, dos quais 50 deles foram pesquisados pessoalmente por ele, conseguindo detalhar vários traços comuns entre os relatos:

- a) a projeção do corpo: a pessoa tem a sensação de deixar o corpo e pairar sobre ele e depois pode até descrever os fatos que ocorreram ao seu redor;
- b) movimento em um túnel: a pessoa tem a sensação de se locomover em um túnel escuro;
- c) visão de luz: a pessoa se dirige ao encontro de uma luz que exerce profunda atração;
- d) encontro com pessoas já mortas: são pessoas conhecidas ou não, seres sagrados, entidades não identificadas ou “seres de luz”;
- e) panorama da própria vida: o indivíduo experimenta um tipo de *flashback*, ou seja, uma revisão da própria vida, algumas vezes sob a perspectiva de outras pessoas. Isto faz com que a pessoa mude suas atitudes diante da vida quando é reanimada;
- f) fronteira: aparentemente representa o limite entre a vida terrena e uma outra vida;
- g) retorno à vida: percebe que deve voltar pois ainda há coisas por terminar. Esta decisão é voluntária.<sup>13</sup>

Nessa mesma prospecção, as investigações do Dr. Ring lograram resultados semelhantes, as quais o mesmo registrou em seu livro “Em rumo ao ponto ômega” em 1996, onde resumiu os seguintes efeitos:

- a) aumento de espiritualidade;
- b) preocupação com os outros;
- c) valorização da vida e menos medo da morte;
- d) veem a si mesmo como parte integrante do universo;
- e) crença fortalecida na vida após a morte;
- f) senso renovado de propósito;
- g) maior confiança e flexibilidade em lidar com as dificuldades;

---

<sup>13</sup> MOODY, R. Vida depois da vida. São Paulo: Círculo do Livro. 1979. Disponível em: <<https://periodicos.pucpr.br/index.php/psicologiaargumento/article/download/.../19186>>. Acesso em: 14 jun. 2019.

- h) menor preocupação com status e posses materiais;
- i) amor ao próximo.<sup>14</sup>

É notório, que os efeitos pós-EQM's, denotam consequências, em geral, positivas o que demandam de forma crescente o interesse por mais estudos sobre esses prodígios.

---

<sup>14</sup> PODEMOS VOLTAR DA MORTE? Algumas reflexões sobre EQM. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/index.php/psicologiaargumento/article/download/.../19186>. Acesso em: 14 jun. 2019.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Duas observações precisam ser destacadas neste estudo, a primeira é a certeza da morte e suas consequências para as transformações pessoais, seja por medo de morrer, ou pela possibilidade de uma vida eterna em outro plano, o que aconteceria após a morte da matéria, portanto, espiritual. E a segunda é, como a maior certeza desta vida, a morte, chega a incomodar tanto, que seu grau de frustração leva o homem a uma corrida sem fim em busca da cura para um mal que nem mesmo nós conhecemos as causas ou sequer conseguimos decifrá-la. É sem dúvidas uma espécie de consolação dos vivos.

Ao longo da presente pesquisa foi possível confirmar as mudanças sofridas na vida humana a partir da experiência ou do contato “pré morte”. Em análise minuciosa, o estudo considerou que desde o princípio da vida, seja ela de natureza humana ou histórica da sociedade, houve um temor provocado pela certeza da morte. Esse fim inevitável levou a sociedade em sua grande maioria a se preocupar em permanecer viva, pelo maior tempo possível, e quem sabe até para sempre.

Para isso, não são poucos os esforços somados de diferentes sociedades do mundo inteiro, que inclusive atravessam gerações para dar uma resposta a si mesmo e aos anseios sociais, de que é possível vencer a morte e mudar esse triste fim.

É nessa direção que o este estudo leva a resolução deste grande problema. Somente a certeza da vida após a morte tão propagada pela bíblia, ou as mudanças sofridas aqui na terra, após uma segunda chance, consideradas na pesquisa como o contato “pré morte”, amenizam o medo de morrer ou o sofrimento com essa inquietação, que por muitas vezes chega a enlouquecer, mas para explicar esse fenômeno precisaríamos de outro estudo.

É certo que todos querem viver independentemente das condições de sobrevivência, o curioso é, quanto maior o sofrimento aqui, mais próximo da espiritualidade fica o homem. Quanto maior é a proximidade da morte e quanto mais certa é chegada sua hora, mais firme na possibilidade de uma espécie de milagre ou qualquer coisa que possa deixar a pessoa viva, é a sua vontade.

Nunca houve dúvidas quanto à certeza da morte, a propósito, esse fenômeno é objeto de estudos no mundo inteiro. Certamente, essa é uma busca incessante para explicar o inexplicável, todavia, buscar essas explicações é uma condição inerente da entidade pensante, que mesmo

involuntariamente, está em constante processo de questionamento da sua realidade, das incertezas e dos fenômenos que o incomodam. É o desejo de acomodar seus conflitos interiores em nome da paz e da felicidade.

Nessa visão, o processo sócio-histórico evolutivo do pensamento humano se encarregará de trazer à tona a verdade dos fatos. Porém, é correto dizer que apenas quem experienciou uma EQM é capaz de afirmar que sua experiência é real.

Dessa forma, o estudo de caso aqui realizado cumpriu sua finalidade, obtendo resposta positiva para os objetivos propostos, onde fortaleceu a ideia de que a aproximação do homem com a morte provoca mudanças expressivas tanto na vida de quem a experimenta, quanto no comportamento das pessoas próximas. Percebeu-se, uma semelhança nos elementos que envolvem o fenômeno da EQM, tanto no relato feito diretamente ao pesquisador, quanto nos depoimentos inventariados por outros exploradores.

Contudo, é da natureza deste trabalho não pretender a verdade absoluta, tão pouco dar por encerrado as discussões. Dessa forma, deixar registrado o sentimento do dever cumprido e a certeza da necessidade que o tema exige de compelir novas discussões.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Marcos de. **Importância médico-legal da drepanocitose na morte súbita**. Tese de Doutorado em Medicina Legal da Escola Paulista de Medicina, S. Paulo, s/d. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rfdusp/article/download/67369/699979>. Acesso em: 12 jun.2019.

ALVES, Rubem. **O que é vida? Mais precisamente, o que é a vida de um ser humano? O que e quem a define?** Texto publicado no jornal “Folha de São Paulo”, Caderno “Sinapse” do dia 12-10-03. fls 3. Disponível em <[http://www.releituras.com/rubemalves\\_morte.asp](http://www.releituras.com/rubemalves_morte.asp)>. Acesso em: 13 jun. 2019.

BIBLÍA SAGRADA. **Versículos de Morte**. Disponível em: <<https://www.bibliaon.com/morte/>>. Acesso em: 14 jun. 2019.

\_\_\_\_\_. **João 11:25-26 e 1 Tessalonicenses 4:13-14**. Disponível em: <[https://www.bibliaon.com/versiculo/joao\\_11\\_25-26/](https://www.bibliaon.com/versiculo/joao_11_25-26/)>. Acesso em: 14 jun. 2019.

EMMECHE, Claus; EL-HANI, CharbelNiño. **Definindo vida**. Pp. 31-56, in: EL-HANI, CharbelNiño& VIDEIRA, Antonio Augusto Passos (orgs). **O que é vida? Para entender a Biologia do século XXI**. Rio de Janeiro: RelumeDumará, 2000.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.

FRANKL, Viktor Emil. **Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração**. 30. ed. São Leopoldo-RS: Sinodal; Petrópolis-RJ: Vozes, 2008.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

GOMES JCM. **Ética médica e UTI: reflexões à luz do Código de Ética**. J BrasMed 1992, 62:48-57.

GREYSON, Bruce. **Experiências de Quase Morte**. In: CARDEÑA, Etzel; LYNN, Steven Jay; KRIPPNER, Stanley. **Variedades da experiência anômala**. São Paulo: Atheneu, 2013, pp. 241-270.

MAYR, Ernst. **O desenvolvimento do pensamento biológico: diversidade, evolução e herança**. Tradução de Ivo Martinazzo. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.

MINAYO, M. C. de S. **O desafio do conhecimento**. 10. ed. São Paulo: HUCITEC, 2007.

MOODY, Raymond Jr. A. **Life afterlife**. Covington: Mockingbird Books, 1975.

MOODY, R. Jr. **Vida depois da vida**. São Paulo: Círculo do Livro. 1979. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/index.php/psicologiaargumento/article/download/.../19186>. Acesso em: 14 jun. 2019.

\_\_\_\_\_. **Vida Depois da Vida; O que acontece quando uma pessoa morre?** 16.<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: Nórdica Ltda, 2018.

MORAES, Irany Novaes. **A morte vista do espelho**, in: Jornal da USP de 3/4 mar. 1997, p. 2.

MORSE, M., & PERRY, P. **Transformados pela luz**. Rio de Janeiro: Record: Nova Era. 1997.

PARNIA, San: **O que acontece quando morremos**. Tradução Emanuel Mendes Rodrigues. – São Paulo: Larousse do Brasil, 2008.

TEIXEIRA, João de Fernandes. **Mente, cérebro e cognição**. Petrópolis: Vozes, 2000. 197 p.

Disponível em: <http://ibvm.org.br/genesis-3-1-24-a-queda-do-homem/>. Acesso em: 13 jun. 2019.

Disponível em: <https://origemdapalavra.com.br/pergunta/origem-e-significado-primordial/>. Acesso em: 13 jun.2019.

Disponível em: [https://www.ebiografia.com/blaise\\_pascal/](https://www.ebiografia.com/blaise_pascal/). Acesso em: 13 jun. 2019.

Disponível em: <https://humbertoosousa.blogspot.com/2010/12/morrer-e-voltar-da-morte.html?view=classic>. Acesso em: 14 jun 2019.

Disponível em: <https://www.brasil247.com/attachment/575/oasis192.pdf>. Acesso em: 14 jun 2019.

Disponível em: <https://www.brasil127.com/attachment/575/oasis192.pdf>. Acesso em 14 jun.2019.

Disponível em: <https://nelson%20pinheiro/eqm%20-%20experi%C3%Aancias%20de%20quase%20morte.html>. Acesso em: 14 jun. 2019.

Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/index.php/psicologiaargumento/article/download.../19186>. Acesso em: 14 jun. 2019.

## APÊNDICE – A

## AUTORIZAÇÃO PARA A REALIZAÇÃO DE PESQUISA

Eu, XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX , autorizo a realização da Pesquisa intitulada FILOSOFIA DA MENTE: princípios antagônicos e experiência de quase morte, um estudo de caso no município de Pinheiro - MA., que tem por objetivo identificar as razões pelas quais o ser humano é capaz de mudar de vida após encontrar-se em situação de “quase morte”, e, também, associar elementos pessoais ou sociais, capazes de transformar sua própria vida a partir dessas experiências, ou até mesmo do seu próximo, como familiares e amigos.

Estou ciente de que a pesquisa será realizada sob a responsabilidade de Nelson dos Santos Soares da Silva e concordo que a mesma seja realizada no período de 03/05/2019 a 04/05/2019. “Declaro ter lido e concordar com o parecer ético emitido pelo CEP da instituição proponente, conhecer e cumprir as Resoluções Éticas Brasileiras, em especial a Resolução CNS 196/96.

Esta instituição está ciente de suas co-responsabilidades como instituição co-participante da presente pesquisa, e de seu compromisso no resguardo da segurança e bem-estar dos sujeitos de pesquisa nela recrutados, dispondo de infra-estrutura necessária para a garantia de tal segurança e bem-estar.

Atenciosamente,

---

Nome, assinatura e carimbo do Responsável pela Instituição

## APÊNDICE – B

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Eu, \_\_\_\_\_ portador (a) do RG. Nº \_\_\_\_\_, CPF: \_\_\_\_\_ aceito participar da pesquisa intitulada FILOSOFIA DA MENTE: princípios antagônicos e experiência de quase morte, um estudo de caso no município de Pinheiro - MA., desenvolvida pelo (a) acadêmico (a) pesquisador (a) Nelson dos Santos Soares da Silva e permito que obtenha fotografia, filmagem ou gravação de minha pessoa para fins de pesquisa científica. Tenho conhecimento sobre a pesquisa e seus procedimentos metodológicos.

Autorizo que o material e informações obtidas possam ser publicados em aulas, seminários, congressos, palestras ou periódicos científicos. Porém, não deve ser identificado por nome em qualquer uma das vias de publicação ou uso.

As fotografias, filmagens e gravações de voz ficarão sob a propriedade do pesquisador pertinente ao estudo e, sob a guarda dos mesmos.

Local da pesquisa,.....de ..... de 201.....

---

Nome completo do pesquisado

## APÊNDICE C - Questionário aplicado no relato de EQM

Trata-se do Sr. “A”, Carpinteiro de 63 anos, morador do bairro Filuca do município de Pinheiro/Ma., que mesmo após ser diagnosticado pelos médicos o seu óbito, conseguiu sobreviver, eventos esses em que o primeiro ocorreu no ano de 2000 e o segundo caso em 2010:

1 - Como aconteceu seu primeiro contato com a morte?

R –

2 – Essas pessoas que você viu, já haviam morrido?

R -

3 - E você passou por outra situação semelhante?

R –

4 – Durante o segundo coma, você tinha consciência que estavam tentando te reanimar?

R -

5 - De que forma que esses eventos, mudaram a sua vida?

R –

6 - E depois da segunda experiência, o que mudou?

R –

7 - E depois de tudo isso, o que é a vida pra você?